

# MOVIMENTO

# BRASILEIRO

SEGUNDO ANNO

Numero 15

Director:

RENATO ALMEIDA



Desenho de DE GARO (Nicolai Abracheff)

MARÇO

PREÇO — 1\$000

RIO DE JANEIRO

# A' Collegial



Uniformes e enxovaes para todos os collegios: a maior casa em vestuarios para creanças

**Largo de S. Francisco,**  
**38 / 40**

# LIVROS

## NOVIDADES

<i>Lemos Britto</i>	
As leis de Menores no Brasil (Paginas de critica e de doutrina) . . . . .	20\$000
<i>Vilhena de Moraes</i>	
O Gabinete Caxias e a amnistia aos Bispos na "Questão Religiosa" . . . . .	10\$000
<i>Ronald de Carvalho</i>	
Estudos Brasileiros . . . . .	6\$000
<i>Christovam de Mauricéa</i>	
Anthologia mystica de poetas brasileiros . . . . .	5\$000
<i>Furtado de Mendonça</i>	
Denunciação de Pernambuco (1593-1595) . . . . .	30\$000

**F. BRIGUIET & C.<sup>IA</sup>**  
EDITORES  
38, RUA S. JOSÉ  
Caixa Postal, 458  
RIO DE JANEIRO

Nas grandes cidades devido ao excesso de trabalho physico e mental, perdemos diariamente grande parte das nossas energias, deixando-nos muitas vezes sem acção para continuar a lucta.

Precisamos estimular o organismo contra os estados morbidos, que são a causa da *fraqueza geral, neurasthenia, esgotamento nervoso, affecções pulmonares*, e outras molestias provenientes dos estados *depressivos e adynamicos*.

Isso só se consegue com o uso do "PLAS-MOL", cuja efficacia milhares de medicos attestam como sendo a medicação especifica de acção rapida nos casos supra citados.

## PLASMOL

Tonico recalificante e remineralizador organico

Base: Calcio, Arsenico, Phosphoro,  
Nucleinato de Sodio, Vitaminas,  
Thyocol, Kola, etc.

PHARMACIA HEITOR SAMPAIO

Rua Evaristo da Veiga, 30 — RIO

## TYPOGRAPHIA

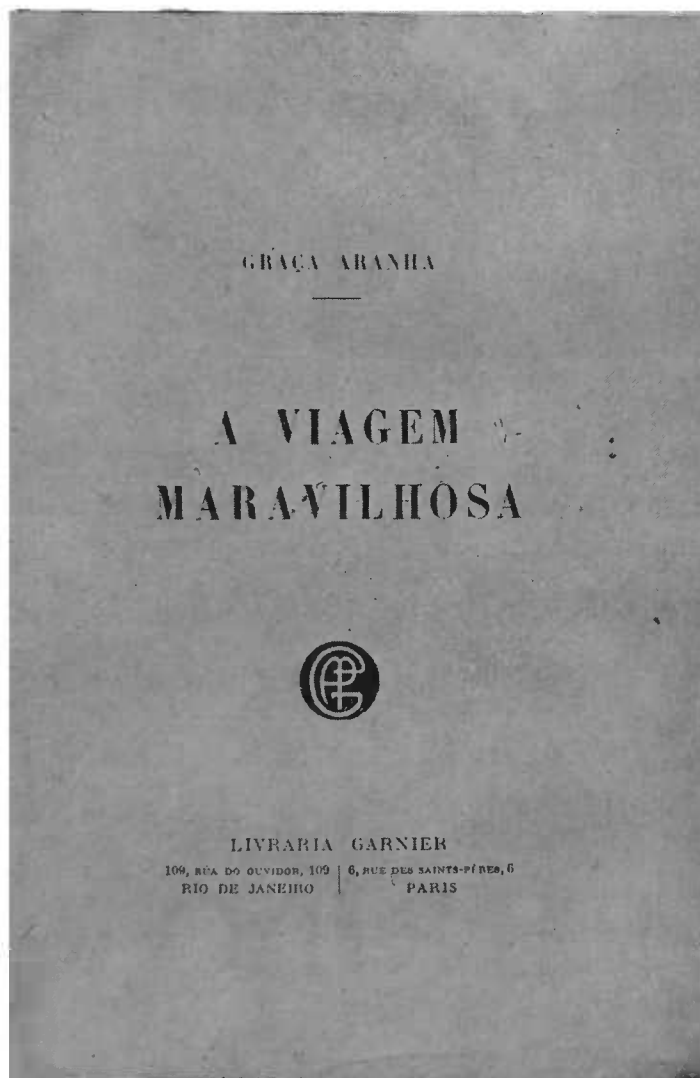
**A. P. BARTHEL**

*Rua Sacadura Cabral, 143*

*Telephone 4-4317*

RIO DE JANEIRO

# ACABA DE APPARECER



*A' venda em todas as livrarias*

# MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

SEGUNDO ANNO

Numero 15

Director :

RENATO ALMEIDA

O ESFORÇO MODERNISTA

*RONALD DE CARVALHO*: «A VIAGEM MARAVILHOSA»

A ELEIÇÃO DE GUILHERME DE ALMEIDA  
PARA A ACADEMIA DE LETRAS

HENRIQUE MORIZE

*TEIXEIRA SOARES*: RELENDO BURTON

BALFOUR

A REFORMA DA ORTOGRAPHIA

*NEWTON BELLEZA*: O LIRISMO NASCE DA REALIDADE DAS COISAS

A NOSSA REPERCUSSÃO NO ESTRANGEIRO

## REPERTORIO

---

REDACÇÃO:

R. D. MANUEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL

# Movimento Brasileiro

ANNO 2 — N.º 15

MARÇO — 1930

## O ESFORÇO MODERNISTA

Ao aparecer *A Viagem Maravilhosa* de Graça Aranha, indagou-se qual teria sido o esforço e a realização do modernismo brasileiro, quando ainda vinha do mestre a obra excepcional e definitiva. Para os que assim pensam, a acção renovadora teria fracassado lamentavelmente em fracas tentativas, perigosos excessos e numa pobreza inconfessável. Por isso, o necessário é não perder tempo e dar a toda pressa marcha a ré. Volveremos ás formas mortas, á sensibilidade inactual, aos sonetos defuntos e ás balladas cacêtes, na certeza de que, feito o retrocesso, criaremos coisas immortaes. Na modelagem antiga, os nossos poetas, os nossos pintores, os nossos architectos, os nossos criticos serão grandes, enquanto tudo é mesquinho no espirito moderno.

Esse raciocinio, de que tiramos as conclusões mais evidentes, é um modelo de falta de logica e ingenna simplicidade. Se somos incapazes de nos adaptar á sensibilidade actual, dentro da civilização do momento e com os seus dados criar alguma coisa, não será a volta ao passado que nos despertará a emoção embotada. Uma gente que não póde sentir o seu tempo, e não tem forças para acompanhar-lhe o rythmo, evidentemente não terá pobreza, mas miseria intellectual. A sua escassa materia cinzenta não se fortificará no uso das expressões gastas, no culto da morte, quando não se excitou com as fórmãs super-agudas do modernismo.

Sorrimos ao que ha de infantil nesse pobre raciocinio. O exemplo do que fez o modernismo, da reacção de 1922 ao começo deste anno, marcado gloriosamente com o apparecimento do novo romance de Graça Aranha, é um testemunho animador da juventude e da força do nosso espirito. A uma critica cronometrica, que conta pelos dedos o numero de annos e o numero de obras nelles apparecidas, apresentamos o phenomeno em conjuncto da modificação da nossa sensibilidade, criando uma poesia, uma prosa, uma critica actuaes, vivas e fortes. Ha uma obra de educação espirital, que se infiltra e vai dominando absolutamente, bastando citar a influencia da decoração moderna nos interiores, nas modas, até no carnaval.

A poesia, a critica, a musica, a pintura e a escultura modernas não marcarão de um modo firme essa transição violenta, em que foi mister destruir uma serie de preconceitos e construir pela aspiração? Haverá talvez (concedamos esse ponto ainda por verificar) uma influencia menos extensa dos modernos do que tiveram os seus antecessores, mas em intensidade e em força, elles os superam consideravelmente. Note-se que a arte moderna é cerebral e, em toda parte, afasta-se das massas populares, levando até a essa reacção dos srs. Lemonier-Thérive, que criaram o populismo, para combater essa tendencia contemporanea. Além disso, no seculo passado, o romantismo com a hyperthrophia do sentimento, uma piedade mal entendida pela miseria e uma exaltação amorosa, haveria de attrair muito mais a sensibilidade geral, do que as syntheses intellectuaes da arte moderna, em qualquer das suas manifestações. No entanto, entre nós, todas as demonstrações modernistas obtêm um exito excepcional, talvez imprevisto, dentro desse modo de entender. E' justo que uma poesia chorosa de Casemiro de Abreu interesse mais ao grande publico do que um poema de humor de Alvaro Moreyra. Se o criterio da influencia popular pudesse ser levado em conta Georges Ohnet seria o maior escritor da França, em todos os tempos.

O modernismo no Brasil tem permittido, uma libertação consideravel, não só na sensibilidade, como nos processos, na lingua, na construcção. Abandonamos a servidão lusitana e a sujeição estrangeira, procuramos por nós mesmos as fontes inspiradoras, os motivos da arte, conquistamos o direito da originalidade e, se quizerem, do excesso, e do exotico brasileiro. Não negaremos aos poetas que surgem o reconhecimento da justeza da sua revolta, essa inquietação que lhes modelará a personalidade, esse frenito por alguma coisa nova, que ainda não foi dito e por isso mesmo os maravilha.

Recusamos, todas essas formas de pessimismo que se perdem, como uns gemidos agoreiros, e perguntamos que apresentam os passadistas á incessante actividade modernista, senão os versos de Alberto de Oliveira, que não se renovou?

# A VIAGEM MARAVILHOSA

RONALD DE CARVALHO

## 1 — Retrato de Graça Aranha.

A exemplo dos primeiros mestres da sua formação, Rousseau e Chateaubriand, é Graça Aranha um genio inquieto. Desde menino, quando lia, no solar paterno da tranquilla provincia de São Luiz do Maranhão, as invenções de Le Sage, seu espirito acostumou-es a reduzir a realidade a puros schemas cerebraes. Rodeado de doutores, que falavam gravemente, no estylo de João Francisco Lisboa, comprimido num circulo aristocratico de barões juristas e gentis homens catholicos, seus sonhos infantis se povoaram dos anjos luminosos da Theologia e das imagens classicas do mundo mediterraneo.

Cedo, entretanto, o agil demonio coxo do seu autor predilecto começou a quebrar o rythmo igual e melancolico daquellas planuras que lhe fatigavam os olhos avidos e insomnos. Sua curiosidade venceu os limites da razão e transbordou na duvida, ante o problema do increado. Cartesiano, sem o saber, aos dez annos o descendente de senhores beatos espantou os sacerdotes que o instruiam, affirmando-lhes ser Deus uma idéa innata.

Sua primeira batalha travou-se assim, com a tradição. A logica impressionante desse determinismo explica-se facilmente. Um complexo de preconceitos remotos condensara-se na atmosfera que elle respirava. Procediam de varios quadrantes esses influxos subteis. Do sangue celtibero, exaltador do misticismo dos seus antepassados. Do tragico romance naval vivido pelos portuguezes do seculo XVI, entre cujos capitães se encontravam gentes da sua linhagem. Do

drama terrivel da conquista americana, onde, Aranhas e Carneiros Monteiros se distinguiram como bandeirantes, nas entradas pelos sertões de Pernambuco, do Ceará e do Maranhão. Tacs factores contribuíram para compor a physionomia dessas familias nortistas, esplendidos typos de clans conservadores, impregnados do prejuizo da lei, do respeito da autoridade, das practicas religiosas, e onde o artificio politico do Imperio foi buscar a sua melhor e mais honrada clientella.

A inquietação de Graça Aranha vem do seu passado longinquo, das raizes celtiberas que o impellem. Na especie já aquietada pela fortuna, adormecida na posse de heranças conquistadas através de lutas immensas, brotou, de subito, o aventureiro, o revolucionario, insatisfeito, *le cadet gascon*. O tataraneto dos capitães epicos surgiu, de improviso, no filho do magistrado sereno, do humanista ciceroniano e thomista.

Não se contentou pois com a tradição. Preferiu a experiencia, para conceber o universo. Preferiu a republica, para comprehender o Brasil. Discipulo de Tobias Barreto, sua adolescencia extasiou-se ante o monismo de Haeckel. A formula germanica, entretanto, parecer-lhe-ia, em breve, estreita. Seu espirito latino exigia uma base social, em que a especulação metaphysica se transformasse numa regra para attingir a felicidade humana.

Reduzir a sciência a uma disciplina de acção a um instrumento para dominar a realidade foi a sua primeira experiencia pessoal. Dessas cogitações nasceu o *Chanaan*. Sempre movido pelo interesse sociologico, latente na sua obra, Graça

Aranha procura coordenar os elementos que se **malgamariam** para produzir um Brasil maior. Sem aceitar o exaggero do aryanismo de Gobineau ou de Chamberlain, sem admittir o racionalismo de Renan, então em voga, na America e na Europa. Graça Aranha propoz, no *Chanaan*, uma solução lucida para o problema brasileiro: vencer a mestiçagem, pelo caldeamento das correntes imigratorias latinas e germanicas, e o empirismo improvisador, pela cultura **cientifica** e pela educação da vontade.

A medida que escrevia o *Chanaan*, seu **instincto** de rebeldia agitava-o novamente. O **contacto** que, nesse momento, mantinha com os velhos institutos politicos da Europa, nutria-lhe o espirito de alimentos estranhos. As reivindicações das classes proletarias chocavam-se com a armadura feudal e burgueza dos governos, nascidos da Igreja, da Reforma e da Revolução. Na Inglaterra, onde elle trabalhava com Joaquim Nabuco, a magestade da era victoriana dissolvia-se nos clamores das classes opprimidas pelo capitalismo que, pela mão dos grandes **chefes liberaes e conservadores**, dilatara, nas guerras da Criméa, da India e do Transvaal, o **poderio da corôa**.

O **imperialismo** de Gladstone, de Disraeli e de Chamberlain principiava a defrontar-se com as **forças tenazes da Tory Democracy**, emergentes das profundezas proletarias. As revelações do senso de Charles Booth, accusando, na capital do Imperio, a existencia de 32 por cento de miseraveis, espantaram a opinião das elites. Desenhava-se, atemorizadora, nos circulos de St. James e nos Clubs politicos, a ameaça de um Partido Trabalhista coheso, energico e seguro do seu prestigio na Camara dos Comuns. Na estrutura dos partidos tradicionaes abria-se, de repente, uma fresta perigosa, por onde se **encadeariam** os vendavais que desde 1848, as idéas marxistas despregaram sobre a Europa. A febre do continente contaminava o **esplendido isolamento** das Ilhas de Salisbury.

A influencia do romance russo, por outro lado, imprimia á literatura de ficção um **acentuado caracter politico**. Turguenoff, Tolstoi, Dostoiewski invadiam, com os seus personagens, **sombrios, gerados no terror**, a imaginação occidental. Esse spectaculo impressionou a sensibilidade de Graça Aranha. A violencia do seu temperamento extremado levou-o quasi ao **anarchismo integral**. Pareceu-lhe, então, que a **pieidade humana seria o movel da arte**.

Sua maravilhosa intuição do universo **salvou-o**, desse estreito apriorismo. Elle sentiu, desde logo, que a **felicidade não estava na acção**,

nas formulas da experiencia social, naquella «conquista do pão», de Kropotkine ou nas ingenuas taboas de valores do super-homem de Nietzsche, mas na vontade de ser livre. Os fundamentos da sua philosophia começaram a delinear-se no problema de liberdade. Dominar a realidade contingente, ser um com o universo, vencer o melancolico dualismo, que sepára o homem do «todo absoluto», eis a preocupação que o assaltou.

*Malazarte* é o symbolo dessa crise. Apesar de tantas vezes repisado, o exemplo de Ibsen não serve para explicar a estranha figura do mestre brasileiro. *Malazarte* não é um *character*, como o Brand ou Hedda Gabler. Não se rege por theoremas nem abstracções caprichosas. O plano social não o limita. Elle não quer impôr nenhuma regra de conducta, nem lhe importa servir de modelo a uma comparsaria de doutores requintados. *Malazarte* é a imaginação deformadora do real. Na sua mão, o mundo se fragmenta num enorme jogo de probabilidade. Sem acreditar na verdade nem no erro, elle não se fatiga, em sua perpetua relatividade. Malazarte inventa o mundo, a cada passo. Desagrega-o, desarticula-o, sem penetrar na sua substancia. E' a luz, que engendra a forma e a supprime, no subito mysterio do seu fluido.

No dynamismo de *Malazarte* repontam as raizes da *Esthetica da Vida*. Aqui se define a inquietação angustiosa que abrazou toda a juventude de Graça Aranha. E' uma obra de altitude, onde se evaporam os relevos de encostas ásperas, galgadas soffregamente. Fundindo-se com o universo, pelos sentimentos da arte, da religião e do amor, o homem chega á perpetua alegria, áquella beatitude suuprema do ser que se integra no todo infinito. A *Esthetica da Vida* é, assim, uma philosophia da liberdade absoluta.

## 2. — O Artista.

Essa *viagem maravilhosa*, através do seu espirito, Graça Aranha renovou-a na humanidade tragica, no lirismo genial do seu ultimo romance. Cerebro que não se fatiga, o meio onde o creador projecta as suas creaturas é uma complexidade, de uma riqueza de materia desconhecidas em literatura de indole latina. O spectaculo do cosmos tropical exerce, nesse livro, todas as fascinações do seu primitivismo sensual. O pensamento metaphysico vai desenrolando, através de um tecido de imagens em movimento incessante, os schemas dos seus desenhos ab-

tractos. Sob o influxo da especulação pura, que as dirige e as concerta, as sensações elementares vão surgindo das cousas e dos volumes inanimados. Talvez o exacerbado cerebralismo das anotações do Pelléas e de Petrushka possa transmittir á poesia de acalanto que fecha o primeiro capitulo da *Viagem Maravilhosa*:

«Thereza exaltava-se com essas emanções do pensamento rudimentar, que se dilatava em imagens. Livrava-se tambem do sonho. Nocturno transcendente. Não havia nem o real nem o irreal. O universo desmaterializa-se, escapa-se em fugas espirituaes, torna a condensar-se e fragmenta-se nas apparições sensíveis. Todos os objectos vivem a sua incommensuravel vida molecular. As pedras, as arvores, o mar, as estrellas, os corpos humanos, os grandes e imperceptíveis fragmentos da materia, todos infatigavelmente se consmem e se transformam na eternidade da duração, independentes do espirito que delles se apossa e os transfigura, A mesma força dinamica move os seres, em que se decompõe o Todo. Thereza era arrastada inconsciente no movimento mysterioso e irreprimivel. O menino adormecia nas fronteiras do irreal. Thereza absorveu, no collo, o corpo da criança, como uma concha agasalha maternalmente um mollusco».

Em Graça Aranha, o sentimento pictorico desaparece no dynamismo psychologico da construcção permanente. A materia solida entra, apenas, como substancia que a sua intelligencia ordena em lei geometrica. O processo descriptivo, de que elle se serviu, no *Chanaan*, era ainda reminiscencia romantica: Integrava-se, perfeitamente, na tradição eloquente da nossa litteratura, desde Basilio da Gama e Alencar até Euclides da Cunha.

A esthetica da *Viagem Maravilhosa* não é um espectáculo. É uma criação, uma invenção continua de volumes plasticos, de massas sonoras e trepidantes. Dos corpos mais simples aos de maior complexidade, sente-se o dominio da razão architectonica. Tudo está sujeito, tudo se subordina ao principio da mecanica universal. Nem a pedra, nem o perfume, nem o homem,

nem o pensamento se desagregam da natureza unica e indivizivel. Tudo se decompõe em schemas mecanicos. Com a vertical de um corpo de mulher e as curvilineas do oceano e da praia, Graça Aranha cria este milagre de musica e esculptura.

«Na frente de todos, Thereza caminhava. A praia era larga e franca. As ondas longas, possantes, coloridas, erguiam-se, dobravam-se mugiam; e afo-gavam-se nas espumas. O volume da immensa massa oceanica vinha rolando sobre a terra, que ostentava as suas pesadas montanhas e o despraiado das areias. As casas numerosas enchiam de fantasia e abrigos o espaço glorioso. Thereza caminhava. A sua construcção, era de grande sobriedade de volumes, os indispensaveis para os movimentos simples. Havia nella uma synthese de elementos vivos para os multiplos desenvolvimentoes mecanicos. Nada lhe perturbava a função da actividade, do equilibrio, da realização plena. Erguia-se do solo, erecta, de linhas finas, armadas. Os pequenos e os grandes volumes ligavam-se estreitamente entre si e o movimento do alto completava-se em toda a direcção até embaixo. Todos os seus planos os mais subtis uniam-se produzindo a superficie lisa e intima, que revela a profundeza. Por toda a parte os movimentos executavam-se schematicos e determinados pela construcção inexoravel, patenteando a alegria de uma liberdade transcendente. Thereza era uma maravilhosa machina de viver.

A composição de Graça Aranha attingiu a nudez da épura. Jogando apenas, como o engenheiro, com séries de linhas e movimentos, sua arte retira da natureza o tumulto, reduzindo-a a simples coordenadas de espaço e duração. A côr, de que tanto abusaram os escriptores latinos, absorve-se na luz. A sensibilidade disciplina-se. A intelligencia commanda.

### 3 — A *Tragedia de Philippe*.

Dentro do quadro vertiginoso do Brasil contemporaneo, o Philippe, da *Viagem Maravilhosa*,



vive os desesperos da sua inquietação. Brasileiro de velha estirpe, ligado, pelo sangue, aos primeiros forjadores da consciencia nacional, tudo lhe marcava os destinos dos condemnados de fim da raça. Educado num ambiente de inexoravel mysticismo, que lhe recalçava os impetus de um temperamento energico, o complexo da libertação actuou, desde cedo, sobre o seu caracter adolescente. A principio, quando se distrahia a olhar o céu violento, deitado á sombra das pitangueiras, da selvagem Copacabana da sua infancia. Philippe não sabia do que se libertar. Talvez dos excessivos carinhos maternos, que uma viuvez precoce aggravava pesadamente. Talvez da solidão que as suas perguntas sondavam inutilmente. Talvez da sua propria alma, que se debatia nessa tragedia incessante do instincto subtil da meninice. A lição do ar livre da plenitude do tropico ardente, iniciou-o nas ansiosas experiencias de alegria. Através das apparencias, das fórmulas e dos rythmos, elle conheceu o mundo insondavel das cousas. A arte foi, assim, a sua primeira libertação.

Os rapazes da sua geração prolongavam um estheticismo romantico, sem finalidade, que, nos ultimos tempos do Imperio, consumira as suas forças de acção nos movimentos do abolicionismo e da Republica. Philippe, como os seus companheiros, se alimentava de um residuo. faltava-lhe o plano concreto, a base real. Ao contrario de Miranda, seu pae, formado nos debates da Escola do Recife, sectario e doutrinador, com aspirações definidas e seguro de practical-as, mercê das oportunidades que lhe offerecia um regime em dissolução, Philippe era uma vontade a procura de um entusiasmo.

Onde estaria a materia prima para servir ao instrumento delicado e perfeito? Philippe não conhecia o Brasil. A escola não lhe ministrara, tambem, aquellas noções scientificas que dão ao prazer de pensar um derivativo constructor. Elle explicava o universo pela imaginação. O sentimento e a intelligencia jaziam em melancolico repouso. Angustiava-o, entretanto, o problema do sér.

«Para Philippe o plano universal não podia ser a vontade de um ente extranho á materia do Universo. A sua intelligencia não se acalmava nesta quietude de uma longinqua criação, quando tudo lhe parecia em perpetua e inextinguivel transformação, e não comprehendia que os seres terminassem em um criador consciente, quando este cria-

dor seria fatalmente a criatura de outros, que se succederiam ao infinito. Nenhuma luz lhe vinha do ensino dos padres para esse confuso e instinctivo determinismo. Praticamente Philippe ia percebendo que a mecanica dominava a vida em torno d'elle e o seu pendor era para os estudos mathematicos, fonte e explicação do grande segredo da mecanica universal».

Coagido pelos temores maternos, Philippe fez-se bacharel, renunciando «á preparação technica, que a mecanica lhe revelou e seria a marca da epoca moderna. Foi esta base, que faltou sempre á sua cultura». Em torno d'elle, desenvolvia-se uma nova mocidade, puramente muscular. Remadores, footballers, discobolos, saltadores de vara, tennistas, nadadores, vinham substituir os meninos sizudos ou bohemios de outrora. A indiferença pelo Brasil crescia, por diversos motivos, de todos os lados. Os intellectuaes sorriam, pedantes, em face da paisagem brasileira, sem ruinas academicas. Os esportistas berravam, com os pulmões de aço, para os seus campeões predilectos. O Brasil ficava nas chorographias, com as manchas verdes, vermelhas, azues e amarellas dos seus Estados espraçando-se pelo mappa do continente, a recuar espavorido ante a pressão insolente das terras invasoras. Entre a intelligencia amoral e as descargas de uma alegria muscular, permanecia a patria mythologica e distante.

A guerra, no improviso da sua ameaça, despertou nos brasileiros a imagem do Brasil, «O sentimento nacional revelou-se bruscamente em Philippe, que previa na victoria allemã a mutilação do Brasil, esboçada nos sonhos da conquista germanica, que se realizaria na absurda Allemanha Antartica. O estudante inspirado tornou-se agitador patriota e universal».

#### 4 — Philippe e o Brasil.

O artificio esthetico fora vencido. A vontade de Philippe encontra a sua formula de entusiasmo: a acção. Seu nacionalismo exalta-se com a victoria sobre o imperialismo germanico. Articular o Brasil, disciplinal-o pela formação de uma generosa consciencia publica, eis o seu movel. O artificialismo dos nossos institutos politicos, a grosseria da nossa cultura

cívica, o empirismo dos nossos systemas de governo impellem-no para a revolução. Só a reforma radical e violenta lhe parece capaz de **accordar** o Brasil, transformando-o na potencia formidavel em que um dia se converterá.

A ansiedade de resolver muitas das nossas incognitas perturba-lhe, naturalmente, as correntes de optimismo que estão no fundo do seu caracter, deixando-lhe, na imaginação, um travo de melancolia. Mas essa melancolia é apenas uma inquietação da esperança. Os que vivem por antecipação, o futuro do Brasil, de um Brasil inteiramente aproveitado, na sua materia prima de energias naturaes e humanas, soffrem a contingencia da esperança. Philippe torna-se, pois, um chefe revolucionario. A obra de proselytismo empolga-o, de tal maneira, que não lhe deixa enxergar certos phenomenos ineluctaveis de cujas causas só mais tarde se apodera plenamente a sua razão.

A juventude que o cerca, idealista, inspirada e movida por paixões sem interesse, não possui a sua clarividencia. Fructos de estreiteza dos nossos methodos de instrucção, filhos do cáos pedagogico, cega-os a taes desesperados, a impaciencia de conquistar de repente, um estado de cultura politica impossivel de obter pelo processo radical.

No Brasil a escola prepara revoltados. Ao longo de todo o nosso curso gymnasial e superior aprendemos, num perigoso delirio patriotico, que o Brasil é o mais rico, o mais dotado de todos paizes do globo. Nossa imaginação adormece num torpor de maravilhas. Montanhas de ouro, de esmeraldas, de ferro, cachoeiras e saltos cuja força hydraulica se multiplica por milhões de cavallos, terras de uma exuberancia incrível, subsolo de inesgotavel opulencia, eis a miragem com que nos acenam. Atravessamos a infancia e a puberdade tontos de tamanha fortuna, certos de que, á semelhança daquelles ingenuos bandeirantes, basta metter a mão na terra para colhermos a eterna abastança. Enquanto não chega esse dia, vamos sonhando, sonhando. Sonhamos uma historia que não é a nossa, uma geographia que não é a nossa, uma geologia que não é a nossa. E o deslumbramento, continuo. O Brasil é um banco attestado, a espera dos nossos desejos. Todos nos sentimos delphins. Brincamos com a intelligencia e a fantasia, seguros da partilha farta. Tornamo-nos sabios em

tudo. Subimos a Acropole, andamos nas quadrigas da Illiada, conquistamos o mundo no calcanhar dos legionarios de Cesar, falamos todas as linguas, preparamos-os, emfim, para uma existencia de itinerantes desoccupados, amaveis e preguiçosos.

Quando nos penetramos, porém, do sentimento do real, toda essa metaphysica da felicidade brasileira se desvanece. E a nossa vida se transforma numa accusação monstruosa. Não sabemos ver, porque não nos ensinaram a ver. Debetemo-nos, inutilmente, num turbilhão de destroços que nos opprimem. Não podemos crer na realidade. Não temos coragem de enfrentar o problema que nos depara o mundo brasileiro. O phenomeno immediato obscurece-nos a consciencia das causas remotas. Não queremos convencer-nos de que somos um paiz cujas possibilidades materias só poderão ser aproveitadas a custa de abundantes capitaes. Não queremos convencer-nos de que a nossa incultura politica é consequencia da nossa pobreza, que somos uma grande casa de proletarios, condemnados ainda por muitos annos, mercê das fatalidades geohistoricas, a descontar os juros do ouro que nos empresta o estrangeiro. Não queremos convencer-nos de que a nossa natureza, tão miraculosa, é um dos nossos peiores inimigos, porque nos vem arrebatá, ao menor descuido, os resultados de nosso penoso labor. Não queremos convencer-nos, emfim, de que a immensidade das nossas terras, despovoadas e agrestes, é um dos maiores empecilhos do nosso desenvolvimento. E como não estamos preparados para considerar praticamente essas difficuldades, acreditamos na regeneração pela revolta.

##### 5 — *O Encontro com Thereza.*

Pouco a pouco, todavia, Philippe vai despreendendo-se dos companheiros. Nestes, por igual, o sentido da revolução toma rumo differente. Uns e outros, com excepção do revolucionario militar, preso ás suas concepções gregarias de primario, vão rectificando as suas directrizes. Sentem, quer os de pendores communistas, quer os ideologos democraticos, que as revoluções sociaes não se improvisam nos quartéis, nem devem terminar no soerguimento de alguns idolos, em detrimento de outros. A historia da America Latina mostra-nos copiosos exemplos dessa farça de revoluções façanhudas e pueris, em que, ao cabo de alguns annos de

«angrenta experiencia, os chamados Partidos Revolucionarios triumphantes são accusados de reaccionarismo pelos caudilhos menos felizes, que desertam delles para atacal-os pelas armas. A revolução é um remedio de luxo, comportavel sómente em paizes de excessiva cultura politica.

A visão de São Paulo dynamico infiltrou-se, insensivelmente, na duvida inquieta de Philippe. Elle observou, por entre a gritaria dos metaes e dos vapores escapando-se dos freios e das caldeiras da locomotiva que o arrebatava através da paisagem paulista.

«as massas das plantações, os volumes dos morros carregados de cafezaes escuros, os capões nos campos cheios de manchado de preto e branco de mistgado estrangeiro, de cara branca ou tura com os caracús nacionaes. Caminhões correndo nas estradas, tractores arando a terra desbravada. A energia do homem transformadora. Velhas mat-tas substituidas pela cultura. Cafezaes, cafezaes...»

Elle viu tudo isso, e exclamou: «O novo Brasil vence o terror».

O encontro com Thereza libertou Philippe de todos esses complexos. Nem a arte nem a acção puderam conceder-lhe a beatitude. Ambos aspiravam romper a melancolia que os amesquinhava. O monstro que se erguia em face de Thereza, era Radagasio, o seu marido. Radagasio representa a contingencia mediocre, o eterno quotidiano, a lascivia da escravidão aos vicios, aos tyramnos, aos potentados, á rotina degradante.

Se, ao redor de Philippe, se movem todos os ideaes transcendentos: se, em volta de Thereza, gravitam todos os dynamismos do universo, na sua numerosa presença espectacular; em torno de Radagasio se agita um bestiario tragico. Deuses de macumba, sexos demoniacos, feitiços, tabús, ventres atormentados, succubos, gryphos, todas as invenções da pedra gotica se animalizam para dansar-lhe na sombra mágica. Radagasio não é uma caricatura, como o Rei-Ubu ou o Conselheiro Acacio. é um complexo da mestiçagem brasileira e americana. Acumulam-se nos seus gestos, no seu impudor, na sua amoralidade, na sua covardia, os medos, as humilhações, a estupidez das tabas e das senzalas, que mysteriosos e alongados caldeamentos trouxeram á superficie das nossas sociedades hybridas. Radagasio é uma formula viva do escravo que accordou, subitamente, na pelle do senhor.

## HENRIQUE MORIZE

Foi o professor Henrique Morize uma das mais completas organizações de cientista do Brasil moderno, embora francez de nascimento. Vindo cedo para o nosso paiz, aceitou-o como sua patria e consagrou-lhe uma nobre existencia intellectual. A elle devemos a introdução do ensino moderno de physica, na Escola Polytechnica, e a organização do Observatorio Astronomico, a que deu as novas e excellentes installações do morro de São Januario, tornando-o um centro activo de estudos. Foi o iniciador dos trabalhos meteorologia, no Brasil, tidos hoje como dos mais perfectos. Deixou tambem o professor Morize numerosos estudos, dentre os quaes o notavel ensaio sobre o clima do Brasil, publicado no *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico*, do Instituto Historico, commemorativo do centenario de 1922. O seu nome marca a historia da cultura no Brasil.

Defrontando-se com Thereza, Philippe comprehendeu que havia uma acção maior a realizar, o amor. «Nenhuma actividade mais poderosa, nem a da sciencia, nem a da arte, nem a da religião. O Universo deixa de ser espectáculo, transforma-se em vida, quando a energia do amor o conquista para a viagem maravilhosa, que realizamos nos espiritos e nas cousas».

O amor foi a suprema libertação de Philippe e de Thereza. Aos revolucionarios, seus antigos camaradas, que, desalentados, lhe perguntavam porque não se retirava do Brasil, Philippe responde gloriosamente: «Não sinto necessidade de evadir-me. Permaneço aqui. A minha viagem é outra. «Os amigos percebem que perderam o chefe, e um o exproba: «Tu realizaste a evasão suprema. Tu nos fugiste e ao Brasil». E Philippe se despede:

«Eu desejo a vocês a maravilha, que me aconteceu. Só assim vocês deixarão de ser inquietos».

Esta replica de Philippe condensa a philosophia de Graça Aranha e a magia dos seres que ella, pelo milagre da criação, fecundou e produziu. Só o amor vence o dualismo, que separa o homem do Universo. No meio tragico de torturas, ambições, esperanças, pessimismos, infamias e desatinos, as figuras de Philippe e Thereza nada mais esperam. O amor é a alegria, a perpetua libertação.

# RELENDO BURTON

TEIXEIRA SOARES

A figura tão interessante desse Capitão Richard Burton é pouco conhecida entre nós. Entretanto, trata-se de um dos homens que mais fizeram para o bom nome do Brasil se divulgasse no estrangeiro. Não era desses viajantes que procuram unicamente o pittoresco, ou que se interessam pelas caçadas. Burton era um viajante notável, um homem de uma cultura universal, um andarilho incansável, que percorreu a Arabia Feliz, a Zambézia, as Terras altas de Minas e o Valle do São Francisco e que, por ultimo, deu á lingua ingleza a melhor e a completa traducção das Mil e Uma Noites, traducção que revela um artista admirável e um orientalista perspicaz. Assistiu a episodios da Guerra do Paraguay. Publicou um livro sobre os acontecimentos, em cartas.

O livro de Burton, referente ao nosso paiz, intitula-se «Explorações das Terras Altas do Brasil», em dois volumes e appareceu em Londres em 1869. E' um livro pessoal, vivo, animado, correntio, em que a gente vê um observador bem humorado examinando o mundo e os seres. Copioso na sua erudição, procurando o pittoresco da observação, Burton é um desses admiráveis viajantes existentes em tão grande numero na lingua ingleza.

Já nesse tempo, — 1867 — Burton achava que o Brasil era uma «terra de especialidades...» O sujeito tem de ser alguma coisa: dentista, veterinario, medico, pharmaceutico, engenheiro, jurista, almocreve, etc. Burton esqueceu-se, entretanto, que, no Brasil, por destino, por fatalidade, por excesso de phosphoro, o sujeito pode ser tudo isso ao mesmo tempo...

«O «Quem sabe...» nacional impressiona-o vivamente. como outro viajante inglez ficou positivamente alarmado com os aneis de grão que os dentistas de Belem do Pará usam no dedo mais notavel da mão... Não se inventa: leia-se «Clio» de Meyers, um dos melhores e mais ori-

ginaes romancistas inglezes e que, naturalmente lá esteve, porque viu tanta coisa que a gente acha que está certo...

Burton extasia-se em descrever a bahia do Rio, nesse tempo. Coisa bem romantica. Gravura authenticamente ingenua de Debret. A Ilha de Paquetá não lhe sae da memoria. Elle escreve logo no seu canhenho de viajante: «Capri...» E no livro realmente se diz: Capri do Rio... Quem disse que um inglez não se derrama? Os nomes pittorescos da topographia elle os examina cuidadosamente, em notas eruditas, mostrando bem que gastava tanta cera com coisa tão secundaria. Mas era assim mesmo: naquella época havia tempo para tudo e liam-se notas de viagens pelo Brasil em mais de 1.000 paginas como se liam os longos e capetes romances de Thackeray e Trollope em 2.000 paginas e tres tomos...

Petropolis impressiona-o. Burton toma a estrada União e Industria, de Petropolis a Juiz de Fora, que arrancara tantas palavrás encomiásticas de Liaís, o sabio, que a considerava obra gigantesca pelos immensos trabalhos de arte que occasionou, e que faz honra ao Brasil. Palavras de Liaís, sem aspas. Essa estrada cahiu no olvido e no desprezo governamental, sendo somente restaurada agora, ha pouco tempo. Terrível esse Burton: imaginem que elle explica porque é que o caipira diz «brabo», achando que isso seja um legado dos que trocam o «b» pelo «v». Estabelece e traduz bem o que seja roçado, roça, rocinha, chacara, fazenda, engenho, engenhoca... Tudo isso, porque Burton conhecia realmente o paiz e a lingua, de modo que se sentia á vontade na caça do pittoresco. Quantos viajantes nossos, percorrendo regiões pouco conhecidas do paiz, não escrevem coisas tão perobas, tão suburbanas, tão insipidas sobre o que viram... Ha excepções — um Cruls, um Roquette Pinto e mui poucos outros. Impressiona-se com um chafariz antigo, que viu numa localidade da Pro-

## A NOSSA REPERCUSSÃO NO ESTRANGEIRO

No ultimo numero *La Cooperation Intellectuelle*, revista publicada em Paris e orgão do «Instituto Internacional de Cooperaçãõ Intellectual», assim se refere ao artigo que publicamos sobre o Problema da Paz, do nosso distincto collaborador, sr. Hildebrando Accioly:

«*Movimento Brasileiro*, numero de Novembro de 1929. Revista de critica e de informaçãõ, publicada no Rio de Janeiro, sob a direcçãõ do Sr. Renato Almeida. — Sob o titulo: *A Sociedade das Nações e o Problema da Paz*, o Sr. Hildebrando Accioly, chefe de secção do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil, publica um notavel estudo acerca da açãõ proseguida, pela Liga das Nações, desde a sua instituiçãõ, no sentido da manutençãõ da paz.

«O escriptor brasileiro examina os resultados dos esforços desenvolvidos em tal fim e relacionados com as tres ceterogorias de meios politicos estabelecidas no Pacto da Liga das Nações para a soluçãõ do problema da paz. isto é, as medidas tendentes a permittirem: a reduçãõ e a limitaçãõ dos armamentos; a segurança nacional por meio da garantia mutua entre

os Estados contra as aggressões; e a regulaçãõ pacifica dos litigios internacionaes mediante decisões judiciaes ou arbitragem.

«O autor desse estudo assignala os obstaculos que se oppõem actualmente á plena efficacia de taes medidas.

«E o Sr. Accioly conclue o seu interessante artigo exprimindo a opiniãõ de que as aspirações dos povos á paz não se poderiam realizar sem que se mude o espirito que reina ainda nas relações entre os Estados.

O advento dessa nova mentalidade é o alvo da obra de cooperaçãõ intellectual entre as Nações».

\*  
\* \*

No artigo que Le Corbusier publicou em *L'Intransigeant* sobre as impressões de sua recente viagem á America do Sul, illustra-o com o croquis do Rio de Janeiro, que fez especialmente para MOVIMENTO BRASILEIRO e publicamos na capa do nosso numero de Dezembro ultimo.

vincia do Estado do Rio e, numa nota, em letra bem miuda, diz que a palavra vem do mauro-arabe, etc. Essas notas são curiosissimas. Os ciganos de Minas, em numero numero, chamam a sua attençãõ. Nesse tempo, segundo o seu depoimento, eram numerosos no interior da velha provincia.

Elogia a riqueza da lingua. Discute origens vocabulares. O diabo do inglez é andarilho e parece que tem veia de Malazarte. Mas, ao mesmo tempo, elle é tão pratico que chega a pregar á polygamia como meio rapido para povoamento de um paiz novo...

Burton assistiu aos festejos do São João em Lagoa Dourada, lá nos cafundós da velha Provincia de Minas. Ficou profundamente impressionado, a ponto de dizer que passara Natas menos alegres na Inglaterra do que essa noite de São João. Foi ahi que, acalentado pela

hospitalidade nativa, elle descobriu o «crambambali». o pac de todos os cocktails modernos que se bebem nesta terra.

O «crambambali» é feito com uma garrafa de rum vertida numa terrina, misturada com assucar, a que se addiciona um pouco de assucar. Põe-se fogo. Aos poucos, acrescenta-se uma garrafa de vinho de porto, e quando as chammas desapparecerem, jogam-se pimenta e fatias de limão. Assim, tem-se o perfeito «crambambali».

Haveria muito que escolher nesses dois grossos volumes de Burton. Depois de lido, elle não se apaga mais da memoria da gente. A sua irradiante sympathia prende e commove. Romantico, talvez. Talvez, um pouco byroniano. Que importam rotulos? O que se pode ter por certo é que elle não era desses «messieurs délicats» que Jean de Léry aconselhava a não partir para o Novo Mundo cheio de mysterios...

# A reforma da orthographia

A Academia de Letras approvou, ha pouco, mais uma reforma da nossa orthographia e não teriamos duvida em applaudil-a, em linhas geraes, por se tratar de um esforço evidentemente moderno, como todas as simplificações, se não temessemos que amanhã ou depois essa reforma seja novamente revista, como já aconteceu por seis ou sete vezes. O mais interessante em tudo isso porém é o debate que o caso suscitou em Portugal, onde se nega ao Brasil o direito de regular a orthographia, porque o idioma é *portuguez*, de propriedade lá delles. Logo só nos restava seguir as normas que adoptaram, com uma floresta de acentos e aquelles *quere. pre-guntar*, e outras fórmulas implicantes e inadaptables.

Nesse assumpto, a materia se considerará de facto. Existe, no Brasil, uma lingua inteiramente modificada da que se fala em Portugal, ou melhor o portuguez do Brasil se transforma e se altera ao contacto com todos os elementos que dia a dia nos chegam, enquanto o portuguez de Portugal está estratificado em fórmulas definitivas e immutaveis. Como ha quarenta milhões de boccas no Brasil, que falam o nosso portuguez, enquanto apenas 6 milhões (digamos 15 milhões com as colonias) que falam o portuguez lusitano, está claro que não ha porque a maioria se sujeitar á minoria. Aliás, pouco se nos dá que os portuguezes sigam o nosso idioma. Além do mais, Portugal é um paiz feito e o Brasil é uma força nova que vive e se expande, em criações continuas que já despertam o interesse de outros paizes. E, se um dia o portuguez se tornar uma lingua de intercambio internacional, não será por certo por causa de Portugal.

Essas considerações, porém, são de ordem extranha ao assumpto, no seu sentido pratico e actual. O que interessa é saber porque se revoltam os portuguezes contra a nossa liberdade de regular a lingua que falamos, em que escrevemos e na qual não os lemos mais. Realmente, dia por dia, o mercado dos livros portuguezes diminue no Brasil. Em relação a livros didacticos, não ha um só que seja de lá, portanto, a nossa formação se faz longe e distante do vernaculo lusitano. Aliás, o sr. João Ribeiro, na sua *Lingua Nacional* clareou em seus varios aspectos o problema. Os senhores de Portugal ainda não concordaram bastante com

a nossa independencia e sonham uma dominaçãozinha literaria... A nossa vida se torna tão intensa que não nos resta tempo sequer para acordal-os desse engano, que a nós bem pouco interessa. E' ingenuo apenas acreditar que o Brasil moderno possa ainda retroceder ás fórmulas lusitanas, que por tanto tempo nos entravaram, fazendo a nossa expressão escrita contrastar com a vivacidade colorida da lingua falada. Cabe á corrente modernista mais essa libertação.

Mesmo sem as repetidas reformas da Academia, cuja autoridade se perde na inconstancia, como será possivel impedir esse caos orthographico brasileiro, em que se sente a necessidade de simplificar e modernizar a graphia, á nosso modo? Porque tambem Portugal actualizou, mas na sua actualidade, que é inteiramente diferente da brasileira. A irritação portugueza é uma inutil demonstração de nacionalismo.

## A ELEIÇÃO DE GUILHERME DE ALMEIDA PARA A ACADEMIA DE LETRAS

*A eleição de Guilherme de Almeida, para a Academia de Letras nada significa nem para a Academia nem para o seu eleito. Se parece um alto gesto daquella companhia literaria chamar ao seu convívio um dos poetas modernos mais significativos, isso se reduz á confirmação do criterio ecletico, que a domina, e é exactamente o seu maior vicio, o que lhe tira o character, tornando-a uma inutilidade decorativa. Para Guilherme de Almeida o titulo del academico não pde ajuntar coisa alguma ao seu renome de poeta e á sua acção literaria, talvez até enfraqueça esta, pela manifesta e chocante incoherencia da sua attitude. A Academia julgará porventura reconciliar-se com as correntes modernas, mas essa eleição não a pde prestigiar, porque Guilherme de Almeida não entra ali como uma expressão moderna, como uma reacção ao academismo, antes alardeia-se que foi o poeta de Messidor e Encantamento, e não o de Meu e Raça, o eleito para a cadeira de Gonçalves Dias. Em summa, essa eleição foi apenas o fruto de duas transigencias — a de Guilherme de Almeida e a da Academia de Letras.*

# O LYRISMO NASCE DA REALIDADE DAS COISAS

NEWTON BELLEZA.

Deve-se distinguir o genio doutrinário do genio realizador. E' muito difficil que as duas genialidades coexistam na mesma pessoa. Um tanto ideologo como architecto, como profissional, Le Corbusier possui os dons de uma doutrinação renovadora. Em admiraveis golpes de pensamento, brotam-lhe phrases caminhos da realização.

«O lyrismo nasce da realidade das coisas» resume todo o anseio esthetico de nosso momento tumultuario. Contém a força de agitação dos espiritos que enfraquecem pela duvida quanto ao acerto das deliberações tomadas. Foi oportuno esse brado de alerta de tamanha autoridade quando entre nós começam a surgir os semeadores de desanimo.

Sob o ponto de vista poetico, essas poucas palavras valem por um programma. Abusou-se tanto dos mesmos assumptos, das mesmas imagens, dos mesmos gráus de emoções applicadas ás mesmas coisas, durante seculos áfora, que nada mais facil neste mundo do que fazer poesia repetindo com palavras differentes o que os outros já disseram, sem ser plagio porque é de todos, do dominio publico geral. As expressões devem provir de novas situações, do nosso meio, das conquistas do progresso humano. A conveniencia interpretativa das coisas é que fornece a inspiração. Será preferivel errar nessa busca do que ficar com o já feito, feitissimo.

Emotivamente, ainda não nos habituamos com a vida moderna. Para nós não ha lyrismo na harmonia ciclopica do cimento armado, na liberdade das transmissões sem fio, na deliciosa cocaina do microscopio, no jornal que envelhece novinho mal chegado ás nossas mãos... Não estamos synchronizadas com o nosso tempo. Le Corbusier abrangeu tudo quando disse que o «lyrismo nasce da realidade das coisas», para significar que devemos sentir e utilizar o momento que passa.

Sem comprometter a sua obra, todo artista pode ter a intenção do rumo a tomar. Ninguem

confundirá a intenção da trajectoria com a intenção dos motivos. Estes repousam no subconsciente, o grande manancial esthetico que a vontade não amolda. Todo o mundo sabe hoje que o subconsciente governa a grande maioria dos actos da gente. O consciente dispõe no conjuncto de uma porcentagem minima. Portanto, não póde haver uma intenção poderosa de fundo propriamente artistico. Só a educação subjuga alguma coisa o subconsciente. No periodo de adolescencia, em que mais forte actua a fórmula educativa, é justamente quando mais se opprime o subconsciente. O consciente tem então o seu maior dominio relativo. Depois, péla descrença dos efeitos da educação, o subconsciente afflora em toda a sua pujança, apenas domesticado.

Ninguem ignora que a meninice reaparece com o avanço da idade. E' uma prova do que affirmamos, pela sua evidente generalização. O artista verdadeiro redescobre os primeiros impetos de sua sensibilidade antes da evolução natural para a decrepitude. E' a época de seu esplendor esthetico. Por isso tambem é quase impossivel que o artista tenha a sua individualidade perfectamente definida antes dos 25 aos 30 annos.

Vê-se que em qualquer tempo, depois da adolescencia, é quando melhor cada um póde reencontrar o seu primitivismo. Elle não se perde nem diminue, apenas se mascara por instante. Da mesma forma é a conversão tardia ás creanças, que se liga ao mesmo substracto primogenito do eu. Negar a possibilidade daquelle encontro é consequentemente negar a deste. Em ambos os casos o que póde haver é hypocrisia, que resalta á evidencia.

Para essa intenção «itineraria», é que eu peço a todos meditem no aphorismo de Le Corbusier: «o lyrismo nasce da realidade das coisas». Deuses, castellos, amores platonicos, navios negreiros, etc., foram realidades de outros tempos. Interpretemos o nosso instante através da Arte, para que não deixe um vazio no percurso da historia humana.

# REPERTÓRIO



## O DESTINO DE UM ANEL DOS BOURBONS

Em 1851, no fôro de Paris, houve um ruidoso processo,, em que esteve envolvido um famoso sr. Naundorff, que se dizia descendente de Luiz XVI, sendo seu advogado Julio Favre, a quem elle offereceu depois um anel, com riquissima pedra antiga, na qual estava gravado o symbolo da dinastia, a flôr de lis.

Quando, em 1871, Favre teve de firmar o tratado de paz franco-alle-mão, como ministro da defesa nacional, não possuindo sello para appor no documento, Bismarck lembrou-lhe o anel e elle gravou com a symbolica flôr de lis o lacre do tratado. Os jornaes atacaram-no muito por esse facto, em franca exaltação republicana.

O mais interessante, porém, é que, em 1919, no segundo tratado de Versalhes, Clemenceau, a cujas mãos veiu parar o anel, utilizou-o para seu sello e a flôr de lis dos Bourbons, novamente marcou uma firma republicana, num tratado victorioso, desferrando-se da humilhação de 1871.

## QUE CARACTERIZA UMA JOVEN MODERNA?

Qual a concepção que se tem da moça moderna? Em 1830 uma joven que lia *Hernani*, admirava Delacroix e recitava a *Ballada á lua* de Musset causava escandalo, mas hoje, que caracteriza uma joven?

Mauricio Bedel fez a esse respeito um inquerito entre as môças e a sua melhor definição nos dá o caracter dos costumes modernos: a falencia do principio de autoridade paterna. — *A moça moderna é aquella que não é da mesma opinião dos paes.* —

Dessa quebra do principio de auto-

ridade nasce, segundo Bedel, o espirito de independencia. Quando uma joven adquire a plena consciencia de sua liberdade, parte cedo para a vida a busca de aventuras. É o romantismo de 1930. Seu desejo de conhecer é immenso e d'ahi se lançar a todas as profissões reservadas aos homens, á caça do diploma. Esse espirito moderno é dominante sobretudo na Escandinavia.

Jerome em seu curioso livro *60 grãos de latitude norte* nos retrata o espirito moderno da Escandinavia esportiva, livre dos preconceitos das moças latinas que lograram a classificação de semi-civilizadas no parecer de um inglez respondendo a recente inquerito do *Evening Standart*. No fundo um romantismo identico ao de 1830, com a differença que este lamurioso deu lugar ao romantismo moderno, dynamico por natureza. Mas será isso romantismo?

## O ANNO DE 1930

O anno corrente corresponde ao anno 138 do calendario republicano,; o 5690 do calendario israelita; o 1348 do calendario mussulmano. É o decimo segundo depois da guerra e o decimo sexto da declaração da guerra pela Allemanha, o 6.º do 78.º cyclo do calendario, o 154 da independencia americana, o 113 da independencia brasileira, o 41 da nossa republica, o 413 da reforma de Luthero, o 438 da descoberta da America, o 186 da destruição de Jerusalém, o 100.º da conquista da Algeria, o 100.º do Romantismo, o 100.º do nascimento de Mistral, o 2000 do nascimento de Virgilio e o 2706 das Olympiadas, o 300 da morte de Kepler, e o 141 da era positivista.

## A DIRECÇÃO DO BANCO DE AJUSTES INTERNACIONAES

O *Daily Telegraph* de Londres, afirma que os bancos centraes das grandes potencias, que controlarão o novo Banco de Ajustes Internacionaes, criado pelo Plano Young, como tivemos ensejo de noticiar, resumindo os pontos fundamentaes da organização do novo

instituto, resolveram dar á Argentina um dos nove postos opcioaes da Direcção do dito banco. Os demais estariam destinados á Espanha, Holanda, Suissa e Suecia. Os quatro ultimos são reclamados, em primeiro lugar, pela Polonia, com o apoio da França; depois pelas potencias da «pequena entente», que se julgam com direito a dois postos pelo menos; pelos paizes balticos que reclamam um lugar para a Finlandia; em seguida pela Austria e finalmente pelos dominios britannicos, particularmente pelo Canadá e pela Africa do Sul.

## INSTITUTO DE ESTUDOS SUL-AMERICANOS EM BERLIM

Será proxicamente aberto em Berlim o Instituto de estudos sul-americanos independente da Universidade e instalado na *Marstall* onde já se acha inaugurada uma bibliotheca de oitenta mil volumes doados pelo professor Guesada, de Buenos Aires e dois mil levados pelo Dr. Hagen, do Mexico. O Director desse Instituto será o Snr. Boelitz, antigo ministro da Instrucção Publica da Trussia.

## O INSTITUTO DE COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

Jornaes de Paris, falando sobre o Instituto de Cooperação Intellectual, cuja organização demos numeros atraz, declaram que o mesmo se encontra em difficuldades financeiras, devido á deficiencia das contribuições dos diversos paizes. E referem que a França lhe dá 2.500.000 francos, mas os outros Estados apenas contribuem: Polonia, 100.000 francos; Hungria, 20.000; Tchecoslovaquia, 73.000; Monaco, .... 2.000; Austria, 5.000; Suissa, 24.000; Italia, 142.000; Portugal, 15.000 e Equador, 2.000. A Inglaterra e a Allemanha não deram até o presente quantia alguma. Curioso é que os órgãos parisienses esquecem de mencionar o Brasil, que contribue com libras 594-15-3, ou sejam 15.000 francos ouro, annualmente, afóra outras dotações, e mantém um delegado privativo junto ao



mesmo, que é o escriptor E. Montarroyos, nosso distincto representante em Paris.

### O TRABALHO DOS MENORES

A associação internacional para o progresso social resolveu estabelecer um inquerito sobre a regulamentação do trabalho de menores. A comissão indaga, primeiramente, a questão do ensino obrigatorio, do triplice ponto de vista geral, humanitario e pedagogico. Ella se preoccupa depois com educação intellectual e moral, melhora da hygiene publica, ensino profissional e scientifico, legislação de trabalho e problema de menores desempregados.

O questionario estabelecido pela comissão refere-se especialmente ao augmento de annos de estudo, á opporrtunidade de cessar o ensino primario aos 12 annos para dar logar ao profissional, á opporrtunidade do ensino complementar e, por fim, ás relações entre o problema da escola e o dos desempregados.

A legislação sobre trabalho de menores é ainda muito variavel e, nos proprios Estados-Unidos, de estado a estado, ha as mais profundas diversidades no modo de encarar e resolver o problema.

### A EDADE DO MUNDO

A idade do mundo, ao inverso do que succede com a idade das mulheres, que diminue com a velhice, a idade do mundo recua de seculos ao sabôr das investigações paleontologicas. Recentemente foi encontrado no Novo-Mexico o esqueleto dum crocodillo cuja especie se acredita ter vivido ha cerca de cincoenta milhões de annos. O esqueleto que foi encontrado integral tem

o comprimento de dois metros e difere de todas as outras especies até hoje conhecidas. Mas, a descoberta mais importante dos ultimos tempos foi a do craneo do *homem de Pekin*, encontrado proximo dessa cidade por um joven geologo chinês, como noticiámos. Os homens de sciencia acreditam que esse craneo encontrado em perfeito estado de conservação, tem uma antiguidade superior a um milhão de annos. Um famoso geologo assegura que esse craneo constitue a maior approximação ao chamado *estalão perdido* na theoria da evolução. Parece que a descoberta tem decidida importancia para o estudo da anthropologia.

### UMA NOVA LOCOMOTIVA

Foi feita com grande exito a experiencia de uma nova locomotiva, fabricada segundo os planos do engenheiro inglez Gresley e é tida como uma revolução na engenharia ferroviaria, pois economiza uns 20% de combustivel e pôde alcançar velocidades nunca obtidas com as machinas actuaes. O tender dessa locomotiva pesa 166 toneladas.

### A LUTA PELA ATTRAÇÃO DO TURISMO

Os esforços feitos por diversos paizes europeus para attrair turistas é enorme. Munich prepara-se para este anno ter uma concorrência sem limites. Como é sabido, na proxima estação de verão realisa-se a celebre representação da Paixão de Oberammergan. Com o fim de reter os tourists em Munich a municipalidade dessa cidade organizou um vasto programa artistico musical de primeira ordem contando-se entre outros

os concertos da Philharmonica de Nova York, dirigida por Toscanini; Furtwangler com a Philharmonica de Berlim, além dos concertos dirigidos por Bruno Walter, Hans Pfitoner, Nuch, etc. Em junho haverá um festival Bruckner; em julho um de Richard Strauss e em agosto outro de Mozart. Será dado tambem a scena dos mortos de Alberto Talhoff, visão dramatica e choral á memoria dos mortos da guerra de todos os paizes.

Os festivaes de Oberammergan durarão dois mezes ou mais.

A proposito dessa organização, jo naes francezes reclamam contra o desinteresse da municipalidade parisiense, indifferente a essas manifestações que visam prejudicar em proveito proprio a grande estação parisiense da primavera.

A proposito é de todo censuravel o desinteresse e indifferença da nossa municipalidade em não aproveitar o ensejo que se offerece da proxima realisação de um concurso internacional de belleza feminina para auxiliar a iniciativa de certos empresarios, proporcionando outros atrativos para o turismo nacional e sul-americano, na época de sua realisação.



### CONGRESSO INTERNACIONAL DO IMPALUDISMO

De 19 a 21 do corrente, realisa-se em Alger, por occasião das festas do centenario da Algeria, o 2.º Con-

## MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

## MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

gresso internacional de paludismo, compreendendo seis secções: 1, systematica e biologia dos parasitas do paludismo; 2, systematica e biologia dos mosquitos; 3, epidemiologia; 4, pathologia (clinica, anatomia pathologica, physiologia pathologica, diagnostico); 5, therapeutica e 6, prophylaxia, propaganda antipaludica, historico do paludismo e da prophylaxia.

#### ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS CONFERENCIAS DE PSYCHOTECHNICA

A 6.ª conferencia internacional de psychotechnica realizar-se-á de 23 a 26 do mez vindouro, em Barcelona. A ordem do dia consta das questões seguintes: 1, critica dos tests propostos para o estudo da fadiga industrial; minimo das medidas estatisticas necessarias para a graduação dum test num fim psychotechnico e 3, methodos psychotechnicos aconselháveis para o estudo da personalidade.

#### O SEGREDO MEDICO

A Confederação dos syndicatos medicos francezes occupa-se vivamente com a questão do segredo medico. A sua commissão de hygiene social consagrou varias sessões ao exame do problema, assim proposto. «Como chegar a não violár nem directa nem indirectamente o segredo medico na assistencia medica gratuita e no seguro obrigatorio contra a doença, sem prejudicar o bom funcionamento desta e permittir o jogo livre das fiscalizações medicas.» Essa questão tomou nova actualidade em virtude do decreto do Conselho de Estado que julgou que «o segredo, no estado actual da legislação, é absoluto e pessoal e que não se tem o direito de divulgá-lo, nem mesmo tratando de uma questão de interesse publico.» O caso foi igualmente debatido no Conselho da Federação, que examinou os tres casos seguintes, em que se apresenta a questão: fiscalização sobre a conta de honorarios apresentada pelo medico; fiscalização da molestia e fiscalização do valor dos certificados e do numero das visitas.

A commissão de hygiene social da Federação discutiu dois relatorios: um do dr. Gaussel relativo á fiscalização do seguro contra a doença gratuito e o segredo profissional e outro do dr. Boyer, sobre o segredo profissional e a fiscalização dos seguros sociaes.

Para o seguro medico gratuito a commissão approvou unanimemente o projecto do controle tecnico. Quanto á fiscalização medica nos seguros so-

ciaes, a commissão adoptou as seguintes conclusões: 1.º «todas as utilidades para a saude publica que se pódem esperar do seguro contra a doença não dependem absolutamente da necessidade de violar iniquamente o segredo profissional das familias. Logo, todo controle da caixa instituindo essa violação mais ou menos disfarçada é inadmissivel e inutil». 2.º Conclue-se da analyse da fiscalização medica, tal como está definida pelo regulamento, que essa fiscalização póde ser plena e effizaz sem necessidade de traír o segredo medico dos segurados.

#### O SISTEMA DE NAVEGAÇÃO PHYSICA

Um jornalista francez, estudando os prejuizos e consequencias graves da navegação aerea, reclama a adopção do methodo da *navegação physica* de *William Loth* e extranha que admitida praticamente a sua exequibilidade, não se empregue o sistema inventado pelo sabio para a navegação do correio aereo, eliminando os continuos desastres. Em que consiste, porém, a *navegação physica*, é o que explica em poucas palavras *Georges Mouly*. Segundo o antigo methodo, a navegação é fundada no principio da triangulação. Segundo o methodo de *Loth*, a melhor rota é indicada ao avião ou ao navio e cada instante, ou pelo campo electromagnetico dum cabo guia, ou pelo encontro das ondas emitidas por dois radiopharos.

Aerodromos circulares permitem a *aterissagem* dos aviões em caso de nevoeiro.

Uma reprodução electromagnetica do desenho da costa previne com antecedencia os marinheiros da aproximação da terra.

Este sistema que produziu resultados apreciaveis, não tem sido, comtudo, adoptado pelas dificuldades oppostas pela rotina. É incontestavel que a adopção do sistema de *Loth* viria diminuir de noventa por cento os desastres communs á navegação maritima e aerea. A sua adopção em certos pontos do nosso territorio seria de alta apreciação para a navegação.

#### PELA SCIENCIA FRANCEZA

A commissão de Finanças da Camara Franceza incluiu no orçamento de 1930 um credito de um milhão de francos destinado a fomentar e auxiliar as pesquisas dos sabios francezes. Este credito será dividido em parcelas destinadas a traduções de obras scientificas estrangeiras para o francez e de obras fran-

cezas para linguas estrangeiras, auxilio aos sabios jovens no proseguimento de trabalhos pessoaes e seiscentos mil francos para criação duma caixa destinada a encorajar os sabios e eruditos e socorrer suas viuvias ou suas familias.



#### A ESCOLA DE MONTMARTRE

Com esse titulo, um grupo de pintores francezes acaba de organizar-se em escola, que se propõe a «lutar contra a influencia nefasta de um estado de espirito que se póde (levando em conta o que ha-de arbitrario nas generalizações) localizar em Montparnasse; estado de espirito que transforma as lentas e fecundas evoluções das expressões plasticas em saltos rapidos, ao influxo da moda ou do agio.

«Determinar entre os artistas e os amadores um movimento tendente a estabelecer a proeminencia da sensação na criação artistica.

«Mostrar que, mais ou menos misturadas á vida popular, guardando o sabor saudavel dessa vida, a obra dos artistas, que vivem ou moram em Montmartre conserva com uma franqueza de accentó, que não se estiola na atmosfera pesada das pequenas capellas estheticas.

«Sem desconhecer as qualidades instinctivas dos pintores chamados «*du dimanche*», denunciar o entusiasmo pueril de certos espiritos scepticos e um pouco confusos que, incensando esses pintores e seus ridiculos imitadores, chegam á beatificação da ignorancia, isto é, da tolice.»

Os pintores que se juntam, «para ficar indifferentes ás ultimas convulsões dos academicos moribundos e ás piruetas dos opportunistas», e que, segundo *André Warnod*, têm um certo temperamento e a sua arte é viva, são elles: *Asselin*, *Pierre Bonnard*, *Corbellini*, *Creixams*, *Deslignières*, *Dignimont*, *Guy Dollian*, *Florias Tin*, *André Foy*, *Frelezeau*, *Hensel*, *André Hofer*, *Joubin*, *Pascin*, *Henri Rioux*, *Daniel Viau*, *Capon*, *Oudot-Dilgent*.

#### A CASA DOS ARTISTAS ESTRANGEIROS

Por iniciativa da «Associação Catholica de Artistas Estrangeiros», fundar-se-á em breve, em Paris, a Casa dos Artistas Estrangeiros, que se destina a

offerecer o conselho e apoio moral e intellectual de seus associados a todos os jovens artistas que, por não contarem com essa ajuda, se transviam, fracassando muitas vezes, por desconhecer o novo ambiente em que têm de desenvolver as suas actividades. Essa iniciativa cabe particularmente ao sr. Cassio Pomar, pintor e crítico argentino, autor de um livro sobre Gauguin e premiado do Salão de Paris, de 1929. O sr. Cassio Pomar julga que uma das dificuldades da pintura moderna, afóra a grande confusão de valores, é a superprodução, como, de resto, em todas as culturas... Em Paris, annualmente, se expõem cerca de 30.000 tēlas e, no anno passado, só a mostra dos artistas francezes contava 7.000 quadros.

A nova instituição, além do apoio moral dado aos artistas, lhes favorecerá também proveitosos auxilios materiaes, inclusive moradia para os artistas que se encontrarem em indigencia. Quando a associação puder contar com installações definitivas, esses auxilios serão consideravelmente ampliados. O sr. Pomar encontra-se em Buenos-Aires obtendo o apoio necessario, que espera alcançar nos outros paizes americanos, igualmente interessados nessa realização.

### A MODERNA PINTURA ITALIANA

Durante muito tempo a pintura italiana parece ter permanecido em pura estagnação, servindo-se os pintores da reprodução de obras vulgares. Felizmente o futurismo de Marinetti veiu perturbar esta tranquillidade, provocando um movimento que aliado ao facismo despertou novas energias e a libertação de antigas escolas.

Uma expressão desse movimento se encontra na exposição de pintores modernos realizada, ha pouco, em Paris, sob a direcção de Mario Tozzi.

Sob o imperio das idéas facistas ha indubitavelmente a tendencia de pôr em relevo o que é essencialmente italiano, embora cada um tenha a liberdade de se exprimir á sua vontade.

Na exposição da Galeria Bonaparte nota-se, segundo a critica, a dupla tendencia daquelles que ficam sobre um plano real, realista, naturalista, enquanto outros se tornam mais poeticos e superrealistas. Enquanto uns, ligados á natureza, repelem toda e qualquer especulação cerebral como De Grada Lega e Arturo Tosi, outros, como Prampolini, Chirico, Martinelli, Mario Tozzi, Paresac, Campigli, Severini, se collocam

sobre um plano puramente cerebral, principalmente o ultimo, que actualmente se dedica a exprimir o poder poetico de objectos grupados e pintados com minucia.

Chirico e Severini na vanguarda farão como já vêm fazendo, nascer novas correntes na moderna pintura italiana.

### UM ARRANHA-CÉO DEDICADO A ESCOLA DE BARBISON

A meio caminho de Fontainebleau o excursionista curioso não pode deixar de se deter na pequena villa de Barbison, bem proximo dos campos onde

#### O CONCEITO DA FORMA

Eu nunca li muito. A Escola de guerra, depois uma divisão para commandar, um corpo de exercito... Tinha muito que fazer. Eu nunca li nada de Anatole France... Sim, eu sei, tinha uma fôrma maravilhosa...

A fôrma? Que tenho eu com isso? Se não é para dizer qualquer coisa, para que serve? Fala-se da lingua, da belleza da lingua. Mas a lingua não é bella se não fôr para exprimir idéas... A fôrma é uma moldura, nada mais do que isso. Que me importa uma bella moldura se o quadro é horrivel? A fôrma? Os artistas? Vêde, os tempos mudam. Hoje são as questões economicas que primam sobre tudo. Nós outros, latinos, amamos muito a fôrma, nos deixamos enleiar por uma bella fôrma. Seria melhor applicar as nossas forças a necessidades novas... Não sejamos cartagineses, como os inglezes, que se tornam os negociantes do mundo... mas não sejamos também athenienses.

FOCH

Millet, o fundador da Escola, fixou na tēla a suavidade do *Angelus*. A essa Escola deu realce *Rosa Bonheur* e a sua gloria pretendem os americanos edificar no Parque Central de Nova York um arranha-céu de quarenta andares. A singeleza de Millet a America do Norte offerece o que pode dar: o *Barbison Plaza*, um edificio que comportará uma bibliotheca, galerias de arte, salas de concerto, salões, um imenso *roof-garden*, salas de exercicio, ateliers, apartamentos para os artistas. Destina-se a ser um centro intellectual para propaganda da arte francesa na America.



### UM DEPOIMENTO SOBRE A RUSSIA

O *Observer*, de Londres, está actualmente publicando os artigos que o jornalista allemão Paul Scheffer redigiu para o conhecido orgão berlinense, *Berliner Tageblatt*. Durante muitos annos, Scheffer foi considerado o mais arguto dos correspondentes estrangeiros que se encontravam em Moscow. Revivamos, pois, da melhor maneira possível os seus longos artigos que o *Observer* está publicando.

Antes de mais nada, Scheffer reconhece que os acontecimentos que se desenrolam na União dos Soviets levarão a Russia a uma grande crise. O symptoma decisivo, o prenuncio caracteristico dessa crise economico-social cifra-se na carestia dos viveres que agora já impéra nos campos. Durante dois annos, as autoridades sovieticas forçaram por dotar as cidades, em que a industrialização já é bem marcada, de todas as facilidades no concernente aos generos de primeira necessidade. Ora, fizeram isso ás expensas da população rural que, neste momento, com a das cidades, soffre as consequencias da falta de viveres. Em muitas cidades, em que a população industrial já é avultada, foram introduzidos os livros de talões de viveres, — meio drastico para fazer face a uma situação que já existe com todos os seus ameaços e consequencias.

Moscow, recentemente, durante muito tempo, por exemplo, não teve batatas. A carencia espasmodica de generos tem-se verificado em muitos outros centros do paiz. Peritos, que percorreram certas regiões da Russia, segundo diz Scheffer, declararam que entre a colheita de agora e a do proximo anno, os camponezes soffrerão fome de facto, porquanto a inanição começará a verificar-se nos districtos mais pobres que vivem do trigo e alimentos de regiões ferazes.

E', entretanto, necessario reconhecer que as autoridades centraes estão ao par da situação, tendo inaugurado o regimen das "fazendas collectivas", em que as plantações são desenvolvidas em grande escala. As autoridades centraes procuram extender, a todo o transe, esse regimen a todas as outras regiões

do paiz. Os camponeses murmuram contra a administração dessas "fazendas collectivas", considerando-a demasiado tyrannica.

A crise soviética é e será uma crise agraria. Mas crise grave. Crise que pôde ameaçar toda a estrutura politica da U. R. S. S. A propriedade não se subdividiu como esperavam as massas populares. Em 1917, consoante Scheffer, havia 17.000.000 de camponeses que eram proprietarios em maior ou menor escala; hoje, ha 27.000.000. O augmento não correspondeu ás esperanças do camponio, que esperava receber tudo dadivosamente do poder central.

Scheffer põe o dedo nesta ferida: — o camponio que possui a sua fazenda em alguma recompensa em cultivá-la intensivamente? Se elle revelar tino agricola, se a sua fazenda prosperar grandemente, o Estado Todo Poderoso apparece para expropriá-la. Expropriada a sua terra, elle tem de entrar para uma "fazenda collectiva" ou cultivar uma nova terra, e, nessa transição, nessa passagem de um para outro ponto, elle será considerado, será tido por "meio camponez" ou mesmo "kulak", o que equivale a possuir *certas características* de pequeno burguez.

Emquanto que a crise agraria se verifica dessa maneira, nas cidades a população soffre pacientemente. Os technicos verificam que o programma das "fazendas collectivas" não proporciona remedio para a situação, e que a agricultura está entrando (ou já entrou) em perigosa syncope economica.

Conforme frisa bem Scheffer, os homens do Kremlin, num assomo de orgulho e de confiança nos seus planos, dizem ao povo: "TEMOS NERVOS FORTES". Levam, a todo o transe, para a frente a sua politica de socialização. Procuram crear uma industria, á imagem da norte-americana, para se libertarem das compras no estrangeiro. Mas o circulo vicioso continua, apesar dos nervos fortes e da vontade de ferro dos homens que governam a U. R. S. S.

Conforme diz Scheffer, Kremlin conta industrializar a Russia, á moderna, pelo criterio da produção em massa, dentro de quatro annos. Os planos são, realmente, grandiosos. Praticos?... E a agricultura poderá resistir a um estado de syncope que dure quatro longos annos?... Em Agosto de 1928, Bukharin, o conhecido doutrinator, declarou no *Izvestia* que o rapido estabelecimento das industrias era impossivel num paiz sem reservas de capital, sem uma produção agricola adequada, e

com meios limitados de contacto com o estrangeiro, como é a Russia. Nesse tempo, Bukharin era heterodoxo. Foi castigado. Teve a sua viagem a Canosa. Pode ser que hoje, orthodoxo como Stalin, não pense assim...

Em linhas geraes, sem abusar das aspas leis o pensamento de Paul Scheffer, sobre a situação da Russia, que julga, ás portas, talvez, da maior crise agraria da sua historia. Como a resolverão os seus homens de "musculos fortes"? O curso dos acontecimentos será desviado de modo a minorar a crise, — ou imprevistas occorrencias se desenrolarão na U. R. S. S.?

### O APOGEU DOS ESTADOS UNIDOS — SEGUNDO MUSSOLINI

"O anno de 1930 — escreveu Mussolini — assistirá ao advento dos Estados Unidos em toda a pujança do seu poder, não sómente como o grande colosso do Oeste, mas tambem como o arbitro entre o Oriente e Occidente. A politica da União norte-americana, paiz invulneravel na paz como na guerra, será uma das primeiras bussolas, com que o Este e o Oeste fixarão sua derrota. A partir de 1930, os Estados Unidos poderão dar o verdadeiro começo da época em que terão chegado ao zenith do seu poder mundial e alcançado uma influencia que, durante muitas gerações, decidirá da marcha da historia. Dotado de um povo dinamico, de um territorio rico e compacto, de um espirito vigoroso e expansionista, não ha força capaz de restringir ou entorpecer a realização do seu destino. Emquanto as velhas nações lutam com suas terras empobrecidas, os seus territorios dispersos a grandes distancias ou sem recursos materiaes, a União é joven, cheia de vigor e dotada de riquezas, territorio e poder.

"O anno de 1930 presenciará provavelmente a adhesão dos Estados Unidos á côrte internacional de Haya. Essa eventualidade só poderá accrescentar-lhe influencia e prestigio e dar-lhe uma voz preponderante no conselho de arbitragem das nações. Nenhum povo deixará de tomar em consideração os seus principios de politica mundial. Os Estados Unidos poderiam viver sem a côrte internacional, poderiam por acaso viver limitando-se aos seus proprios assumptos, mas a sua adhesão á côrte internacional não poderá ter outro effeito senão approximal-os do dominio mundial e collocar-os na sua orbita de influencia."

### EXISTE UM ESPIRITO EUROPEU?

Essa pergunta é o motivo do livro: *What is European Civilization and what is its future?* (Que é e qual será o futuro da civilização europeia?), que reproduz tres conferencias do sr. Wilhel Haas, na «Escola de Estudos Internacionais» de Genebra, dirigida pelo professor Zimmern. Para responder áquella questão, o sr. Haas considera as nações que são o centro da civilização europeia e procura determinar os elementos de identidade da sua cultura. Não ha duvida que um europeu vê o mundo differente de um asiatico. Qual será pois o traço caracteristico do seu espirito? É que a fórmula actual da civilização europeia, affirma o sr. Haas, baseia-se na technica. A sciencia applicada criou a machina, que tudo dominou. O sr. Haas reconhece uma theoria da natureza: o espirito europeu tem a tendencia para organizar, para descobrir nos phenomenos circumstantes o principio da *ordem*, preocupação que já se notava nos gregos, mas que não se percebe nos hindús ou nos chinezes. Mas, qual a razão de ter o europeu adoptado essa attitude e porque o fez? A principio o estudo desinteressado, o methodo e a fórmula do conhecimento mathematico, considerados como modelo da verdade, depois, á medida que compreendia theoreticamente a natureza, e que conseguiu, pela sciencia technica, dominá-la, o homem acreditou que poderia actuar livremente, pela sua vontade e pela sua imaginação. Dahi a idéa da organização, que domina a do poder effectivo do individuo. Mostra, depois, como se processou essa evolução e os estados successivos do espirito europeu, no mundo grego, no imperio romano e na idade-média.

### IMPERIALISMO ECONOMICO

É a questão de tarifa que domina, actualmente, as relações entre os EE. Unidos e a Europa. Na revista *Foreign Affairs*, o sr. F. W. Taussig, num artigo *The Tarif Bill and our Friends abroad*, mostra quaes podem ser as repercussões dum augmento de tarifas yankees, pois, se na parte relativa á agricultura, isso só interessa o Canadá e Cuba, na parte que diz respeito aos productos industriaes, já muito protegidos pelas pautas alfandegarias norte-americanas, os artigos actualmente recebidos pelos EE. Unidos são os que não são fabricados em grande série. A esses querem taxar de direitos *ad valorem*, que attingiriam 60 e 80%. A tarifa será um erro, porque vae excitar

a fraude, de um lado e, do outro, continuará a importação e aquelles productos serão vendidos a preços assombrosos.

Na mesma revista, tratando do assumpto, o sr. André Siegfried observa que por vezes os EE. Unidos têm augmentado as suas tarifas, sem ligar aos protestos da Europa. Mas, agora, a situação é diferente. Os productos manufacturados têm, na exportação yankee, um logar importante e a Europa está em condições de exercer represalias.

Na *Contemporary Review*, o sr. Ratcliffe (*President Hoover and Europe*) diz que é possível que o presidente dos EE. Unidos tenha consciencia dessa situação. Convencido da superioridade indiscutível do seu paiz, na ordem economica, o presidente acredita que, num mundo, em que reine a paz, o capital americano deve ter uma força de expansão irresistivel. O imperialismo economico dessa politica proteccionista exagerada seria um obstaculo, portanto, é de crer que o sr. Hoover resistirá á vontade dos industriaes, ainda que tenham sido esses que lhe asseguraram a victoria decisiva nas eleições.

#### OS EE. UNIDOS E AS DIVIDAS INTERALLIADAS

No *Hartford Courant*, appareceu, num dos numeros do anno passado, um interessante artigo do sr. Sherman, jornalista de grande nomeada nos EE. Unidos, em que estuda a posição do seu paiz diante do problema das dividas interalliadas. Mostra elle que, se a America nada reclama da Allemanha, é ella quasi que a unica beneficiada com as reparações, pois deve receber dois terços da somma paga pela Allemanha, nos 36 primeiros annos do Plano Young, e a totalidade dessa somma nos 21 annos restantes. Isto é, a Allemanha deve pagar 27 bilhões de reparações e destes os EE. Unidos receberão 21 bilhões.

Diante disso indaga o articulista: é justo que os EE. Unidos, que entraram na guerra, não pela vaga intengão de «salvar a democracia» (o que é um jogo de palavras) mas para salvar as suas proprias liberdades, e durante 19 mezes, que durou para elles a guerra, só batalharam 5, vão cobrar os dollares que emprestaram para combater a Allemanha? Enquanto os francezes, inglezes, belgas, italianos e demais al-

liados combatiam com o sangue, os EE. Unidos combatiam com o dinheiro. Pois bem, durante aquelles 14 mezes, morreram 500 alliados e 2 milhões ficaram feridos. Nos 5 mezes, os americanos perderam é certo 55 mil homens, 210 mil ficaram feridos e 70 mil falleceram de moléstias, mas, enquanto isso, a França perdia 1.360 mil mortos e 4 milhões de feridos, a Inglaterra 900 mil mortos e 2 milhões de feridos. Nessas condições, julga o articulista, as dividas de guerra não pódem ser estimadas como as commerciaes. Cada paiz que entrou no conflicto perdeu e perdeu muito. Assim, acredita que, «para a paz do mundo, devemos annular essas dividas, ao invés de nos fazer pagar por um plano de reparações que, bem visto, não nos pódem trazer nenhum beneficio.»

#### A CULTURA PELA CULTURA

Escreve Herriot:

«Nosso paiz não seria mais o que tem sido e o que deve continuar a ser, se não offerecesse ao mundo, homens que têm ajuntado aos conhecimentos practicos, o que o ensino secundario lhes dá, isto é, a cultura por ella mesma, essa formação de espirito que reage não somente sobre os methodos da intelligencia mas que, se é sincera, reage tambem sobre a moralidade. A cultura não é o essencial, por ser tudo o que guardamos quando tudo esquecermos?»

#### UM NOVO HUMANISMO NA ALLEMANHA

A proposito da cultura na Allemanha, o sr. Jean Malye escreve no Boletim da Associação Guillaume-Budé, ultimo numero, um interessante artigo em que mostra a crise da cultura classica na Allemanha, depois da guerra, quando todos se dirigiam ás actividades mercantis e industriaes, desertando dos gymnasios e lyceus. A reacção, porém, não tardou e foi energica e effectiva. Sociedades se fundaram, os centros de estudo se uniram, as revistas *Gnomon* e depois *The Antike* estabeleceram um programma do novo humanismo, segundo o qual devemos aurir do passado o ensino esthetico e servir-o com uma philosophia positiva e constructora. Todo esse movimento é motivo do inquerito do sr. Malye, que referimos acima.



#### ANATOLE FRANCE JA ESTA ESQUECIDO?

Que fez a importancia de Anatole France e que lhe valeu seu logar na literatura? Essa pergunta apparecida no *Tambour*, uma pequena revista que se publica em Paris sob a direcção do editor Harold Salemsen, desperta natural estranheza, mesmo porque não chegamos a perceber o rapido esquecimento em torno do velho France. Mas, hoje, em França, a personalidade do autor das *Opiniões de Gerôme Coignard* começa a se tornar indifferente, seu valor e sua influencia principiam a ser negados e é nessa inquietude que o editor do *Tambour* procura conhecer o pensamento dos contemporaneos. O inquerito da original revista suscitou as reacções mais diversas e as mais confusas.

Este foi o juizo de Bernard Shaw: «A situação de todos os escriptores muda com a morte. Ha uma descida aos infernos, seguida duma resurreição, mesmo quando se trata dos mais celebres immortaes.»

Anatole France, porém, teve a critica causticante e aniquiladora dos mais avançados. Ha os que como Blaise Cendrars apenas enunciam a respeito da obra do grande estilista a repetição da palavra *tedio*, *tedio*, *tedio*, *tedio*, *tedio*. Paul Morand apenas cita a sua obra para se referir a *esse compilador agradável, a este amavel erudito, a este interessante escriptor de gabinete*. Ha os que lhe negam tudo, como Victor Hona: *A situação* de Anatole France não mudou depois de sua morte. Mudou no mesmo dia de sua morte. Sentio-se, accrescenta elle, que o cadaver não resistia ao embalsamamento ou que como Luis Guilloux, que lhe nega a verdade em tudo quanto *penosamente* contou.

E enquanto José Delteil diz que Anatole France é um escriptor que se lê mas não se relê e José Hiron acrescenta — muitas belezas formaes, uma perfeição muito equal, uma permanente confusão do academismo com o classicismo — Henri Duvernois acha que Anatole France cresceu e Jacques Ronjon considera que nenhum escritor melhor manejou a lingua francesa.

### EM TORNO DO «INDEX»

Uma nova edição do *Index* acaba de ser publicada e como nelle se incluíam *A Imitação de Christo* e os *Pensamentos de Pascal*, houve um movimento geral de surpresa e Pierre Mille chegou a escrever um artigo indignado. Explicou-se depois. Nenhum desses dois livros extraordinarios estava condemnado, mas simplesmente uma das muitas e muitas edições que têm tido, por causa dos commentarios. Assim, a *Imitação* commentada por Sebastião Castellion e os *Pensamentos* com notas e observações de Voltaire estão no *Index*, não pelo texto, está claro, mas pelos commentarios.

A edição da *Imitação* de Castellion é pouco conhecida. Quanto a dos *Pensamentos*, sobre que Voltaire trabalhou, só pôde ter sido a primeira, de Port-Royal, de 1669, porquanto a segunda, de Bossutt, só appareceu em 1779, um anno depois da sua morte. Aliás, essa edição já merecera a condemnação dos criticos e exegetas do grande pensador, e as notas de Voltaire, segundo Jules Véran, não lhe deveriam ter ajuntado grandes meritos, pois Voltaire, como todo o seu seculo, desconheceu Pascal.

### O «INDEX» SOVIETICO

A senhora Kroupakaia, viuva de Lenine, que dirige o Bureau de educação publica teria ordenado, ao que se annuncia, que as bibliothecas da Russia destruissem numerosas obras religiosas e escritos philosophicos, taes como a Biblia, o Alkorão, o Talmud, as obras de Platão, Kant, Schopenhauer, Nietzsche e Spencer.

### DIVERSAS

— João-Paulo Vaillant acaba de publicar no *Mercure de France* interessante estudo a proposito das relações de Verlaine e Rimbaud, o africano, no qual insiste em afirmar que Verlaine exortou por diversas vezes Rimbaud para publicar seus poemas ou, pelo menos, lhe conceder a permissão de editá-los, o que lhe sempre foi recusado.

— Os preços atingidos por certas obras raras nos leilões do salão Dravot de Paris chegam, por vezes, a sommas tão elevadas que bem justificam aquella asserção de que o seculo XX é o seculo dos bibliophilos. Doze peças de *Racine* foram adjudicadas por 108 mil francos. Um exemplar, aliás, em máu estado, de *Ronsard*, encadernação antiga, atingio a somma de 50 mil francos. *La Fontaine*, *Mme. Sevigné* e *Pas-*

*cal* conseguiram respectivamente 12.100, 7.000, 4.000 e o *Polyende*, de Corneille, em encadernação antiga, foi comprado por 23.000 francos.



UMA PLACA NA CASA DE DEBUSSY

Foi apresentado um projecto, no Conselho Municipal de Paris, mandando collocar uma placa commemorativa na Avenida Foch, 80, onde viveu, durante quinze annos, Debussy. A inscrição será apenas a seguinte: *Ici habita de 1905 à 1918, Claude Debussy, musicien français*. Apoiando essa iniciativa, madame Ch. Debussy escreveu dizendo que a placa continha a unica coisa que poderia desejar, pois o mestre não tinha outros titulos.

### OS MUSICOS SEM-TRABALHO

Crescem as proporções da crise resultante para os musicos, com a introdução da musica mecanica dos cinemas e theatros. Entre nós, o phenomeno se verifica, embora sem as condições excepcionaes dos EE. Unidos. Annuncia-se que 23.000 musicos de theatro e 6.000 de cinema perderam o emprego. Do verão de 1928 a esta parte, a Federação americana dos musicos, filiada á Federação americana do trabalho, empreendeu uma rigorosa campanha contra a musica mecanica, mostrando o mal que ella causa á cultura geral. O publico está sendo avisado por frequentes communicados, artigos estampados na imprensa operaria, cartas endereçadas aos clubs musicaes, conferencias diffundidas pela T.S.F. e longos annuncios publicados em mais de 400 cidades, de que a nova musica que se lhes offerece é um producto inferior, especie de contrafação, que terá por fim a destruição da arte musical, falseando o gosto e fazendo desaparecer os bons musicos, desde que elle consinta nessa suplantação da musica tradicional. A Federação constituiu um fundo de defesa dos musicos, de 500.000 dollares.

Em Philadelphia, foi feito um accordo, depois duma greve, garantindo aos musicos 25 semanas de trabalho sobre 30 consecutivas ou, no caso de não ser cumprida essa condição, um augmento de salario de 8 dollares por semana. Os salarios anteriormente em rigor eram de 64 dollares para as

scenas theatraes e de 68 para as empresas de representações musicaes.

Em Chicago, uma greve imminente poude ser evitada em setembro ultimo, graças a um accordo que augmenta de 5 dollares os salarios semanaes. O accordo revoga, além disso, uma regra syndical, que estipulava uma indemnização de 2 dollares por dia de cada musico despedido no fim da estação. De ora em diante cada musico despedido deverá ser avisado com 4 semanas de antecedencia. Esse accordo interessa 800 musicos trabalhando em 300 theatros e cinemas.

### «BOLERO» DE RAVEL

Suscitou um enthusiasmo pouco comum e até excepcional na America do Norte o *Bolero* de Ravel. Tão grandioso tem sido o successo da composição do musicista francez, na orchestra dirigida por Toscanini, que a imprensa americana decidio abrir um concurso para recompensar o autor das melhores palavras a se adaptarem ao *Bolero*, que assim se tornará uma especie de *Tipperary*.

### O CULTO DE CARUSO

O tenor Tito Schipa deu a conhecer que os amigos de Caruso costumam fazer de tres em tres annos uma peregrinação ao cemiterio de Pazzo Reale, em Napoles, onde os despojos do celebre tenor italiano se acham cuidadosamente embalsamados, de forma que a sua phisionomia guarda até as côres naturaes.

Por ocasião dessa peregrinação o corpo é retirado do caixão e vestido á ultima moda, numa demonstração macabra de todo incompreensivel, sobretudo tratando-se de quem deixou, para delicia de seus admiradores, o seu maior dom. que era a voz, perpetuamente gravada.

### NOTAS MUSICAES

— A nova criação de Darius Milhaud, *Christovão Colombo*, será levada em concertos simphonicos, na Opera de Berlim no proximo mez de abril.

— A proposito de applausos e vaias de auditores contrarios ás peças levadas em concertos simphonicos, lembrou o grande Stokoroski, chefe da Orchestra de Philadelphia, justamente indignado pelos assobios recebidos por ocasião da execução de uma simphonia de tendencia avançada, que o ideal de sua vida seria ter um templo da musica onde cada ouvinte seria isolado

de seus vizinhos. Antes de começar a musica, a luz diminuiria de forma que o templo caísse na obscuridade e que o auditorio ficasse somente em contacto com a musica. A musica é um phenomeno psichico. Os compositores estão acima das nuvens que se executa e o ruído das palmas actua de forma chocante. A musica é um barulho controlado e as palmas são um barulho não controlado. Por isso, Wagner prohibiu os applausos em Beyreuth.

— Apresentou-se ao publico parisiense o conjuncto musical brasileiro composto da Snra. Monteiro da Silva, pianista que segundo a critica é possuidora de uma technica notavel e duma sonoridade por vezes delicada e ampla, interpretando trechos de Henrique Oswald e Nepomuceno, assim como a *Fantasia sobre o Hymno Nacional*, de Gottschalk; do Snr. Candido Botelho e do violinista Leoni das Antuoré, que foi elogiado pela extrema subtilidade do som avelludado e de pureza admiravel.

— Os *Concertos Poulet* fizeram ouvir recentemente a *Primeira Simphonia* de Villa Lobos. A composição do musicista brasileiro, que é a primeira de uma série de seis, foi muito bem recebida pela critica, da qual destacamos o seguinte trecho:

Villa Lobos inspirou-se no conjuncto de sua produção do folk-lore de seu paiz, de que recebeu suas enervantes sugestões. Elle mostrou nesta simphonia uma docilidade que não surpreendeu sua espontaneidade, seu vigor nem sua qualidade de invenção rithmica. Reconhece as divisões tradicionaes, entrega-se a desenvolvimentos cujas dimensões não força e adopta processos de escriptura e composição em uso na simphonia.

E depois de bordar considerações technicas, acrescenta: Esta simphonia é solidamente orchestrada. O emprego dos instrumentos de metal e do harmonio revela a habilidade do compositor, trabalhando sem peso, sua materia sonora com uma robustez nervosa.»

— Visitará o Rio de Janeiro, este anno, a Senhorinha Nilde Muller, que dará uma serie de concertos de obras modernas. O seu ultimo concerto na *Asociación Coral de Montevideo*, em novembro findo, constituiu um grande exito, com um programma inédito para aquella capital, em que se incluíam outros de Dukas, Honegger, André Pascal, Stravinsky, Ravel, Alfredo Casella, Falla e Villa Lobos. Deste, cantou *O anjo da Guarda* (versos de Manoel Bandeira) e *Na paz do outomno* (versos de Ronald de Carvalho).

— O Theatro de Breslau acaba de dar com a presença do autor *Judith* de Honegger. Os scenarios de George Hartmann chamaram attenção pelas novidades introduzidas, taes como os scenarios transparentes e soalhos de vidro illuminados.

— O compositor Wilhelm Gross escreveu uma *opera* areonautica intitulada *Catastrophe 1935*, onde é utilizado o cinema sonoro.

— Descobriu-se nos archivos do Conservatorio de Praga a primeira obra de Devorak, um *Quintetto* para instrumentos de corda. Foi encontrado tambem um manuscripto de Strauss com a sua primeira opereta *Romulus*.

— *Salada* de Darius Milhand será proximamente levada no Theatro Municipal de Hagen e na Opera de Vienna.

— Na Opera de Moscow os musicos descontentes com os salarios insufficientes resolveram fazer uma greve original, chamada *italiana*. No decurso da representação tocavam tão baixo que os sons não chegavam aos ouvidos dos espectadores nem tão pouco dos artistas na scena.

— A *Schola* de Nantes realisou uma optima temporada de concertos por toda a França levando entre outras obras modernas o *Martyrio de S. Sebastião* de Debussy sob a direcção de Stiaram; os *Chôros n.º 10* de Villa Lobos sob a direcção de Alberto Wolf. O *Amor das tres Laranjas* de Prokofieff, *Pacific* de Honnegger.

— O organista Ferenz Szekeres, de Budapest, inventou uma nova especie de instrumento musical que é ao mesmo tempo orgão e piano automatico e se destina a substituir todos os instrumentos que compõem o jazz-band.

— Na Orchestra Symphonica de Paris o maestro Pierre Monteux apresentou como novidade *Deux esquisses sud-americaens* do sr. Bourguignon que pertence ao grupo dos *synthetistas*. Segundo a critica, a musica é limpida, viva e duma agradável delicadesa de toque.

— *Festas Romanas* de Respighi foi vaiada em Paris nos *Concertos Lamoureux*. Trata-se de uma obra extremamente complexa que obriga o auditor a seguir o pensamento do autor de programma em punho. Dessa composição transparece a vontade do autor de celebrar uma Roma immortal. Elle evoca a Roma do Imperio com seus circos e com seus martyres, a Roma religiosa e christã, a Roma de hoje com suas serenatas, seus cantos de amor e as businas de suas praças publicas.



### O PROCESSO DREYFUS NO THEATRO

Os srs. Herzog e Rehfisch escreveram uma peça intitulada *Processo Dreyfus*, levada no Theatro Popular de Bruxellas. Não se trata propriamente de um drama historico, pois que o poder de evocação é deficiente, mas de uma reportagem retrospectiva, um tanto enfadonlia e prolixa. A principal scena é o processo Zola, Jaurès, Clemenceau, Labori, o coronel Picquart, os generaes Billot, de Boisdeffre e Pellieux, etc. A peça começa antes do processo Esternazy e acaba no suicidio do coronel Henry e anuncia a revisão do processo Dreyfus. Segundo um critico theatral, a peça exerce consideravel influencia sobre o publico, embora mal feita e mal conduzida.

### NOTAS THEATRAES

— Pirandello foi calorosamente recebido em Vienna, onde a convite ia preparar as representações de suas comedias e inaugurar uma exposição de quadros de seu filho residente em Paris, assistindo a inauguração do Novo Theatro Viennense.

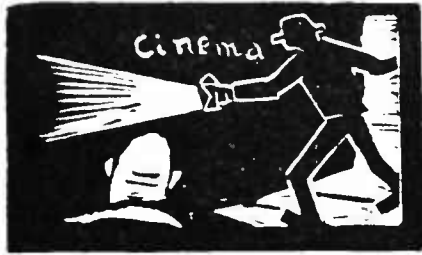
— A nova comedia de Pirandello, *Ou de um ou de nenhum*, obteve um grande successo no Theatro de Turim.

— Berlim recebeu com frieza a nova peça de Bernard Shaw — *O Kaiser da America* (*The Apple Car*).

— Os *Soviets* encomendaram a diversos autores dramaticos peças sobre a guerra russo-chinesa.

— Numa peça levada em Moscou, *O filho libertado*, o publico toma parte na discussão e o regente está incumbido de dirigir os debates.

— Os theatros de Berlim apresentam nesta estação as seguintes novidades: *Napoleão*, de Hassenclever, *Os officiaes*, de Fritz von Nuru, *A expedição do Capitão Scott ao Polo Sul*, de Goering.



### AS PRODUÇÕES DE 1930

A *United Artists* anuncia para este anno as seguintes produções: Charles Chaplin em *Luzes da cidade*, film sincronizado; Lilian Gish no *Cisne*, adaptado da peça de F. Molnar, com Rod La Rocque e Conrad Nagel; Lupe Velez no *Porto Infernal*, produção de Henry King; Norma Talmadge em *Noites de Nova York* e na *Du Barry*, realisação de Sam Taylor; Gloria Swanson no *Intruso* e em *Rainha Kelly*; Dolores del Rio no *Mau*, de Georges Fitzmaurice; Ronald Colman no *Capitão Bulldog* e no *Condennado*, duas produções de Samuel Goldwin e outras entre as quaes uma de Al Jolson e outros vedettos dos *music halls* americanos.

A *Metro Goldwin*, que nos deu as grandes produções de *Ben Hur* e *Sombras Brancas*, prodigios de technica e perfeição, anuncia quatro grandes superproduções: *A Pista de 98*, com Dolores del Rio e Karl Dane; *Os Cossacos* (de Tolstoi), com John Gilbert, Renée Adorée e Ernest Torrence; *A inimiga*, com Lilian Gish e Raphael Forbes e o *Principe estudante*, realisado pelo incomparavel Lubitsh, com Ramon Novarro e Norma Shearer e outras menores, como as *Noites do Deserto*, com John Gilbert; *O Beijo*, com Greta Garbo; *Na cidade adormecida*, com Lon Chaney; o *Fim de Mme. Cheney*, com Norma Shearer; *Miragens*, com Marion Davies; o *Operador*, com o fleugmatico Buster Keaton e os *Vikings*, film sonoro em côres, com Paulina Stark.

### FILM EM CORES

A companhia allemã *Sirius Color Film* que, ha muito tempo, se entrega a experiencias concernentes ao film em côres, acaba de levar ao conhecimento do publico a noticia de que havia conseguido supplantar as dificuldades que se apresentavam para obter films falados em côres.

## BALFOUR

Estudar a figura de Balfour, recentemente desaparecida, será estudar uma das epochas mais gloriosas da historia da Inglaterra, o seculo XIX. Balfour, pertencente a uma das mais antigas familias da Inglaterra, os Cecils, cedo ingressou na vida official do seu paiz, enfrontando-se nas intrigas do Congresso de Berlim. Ahi teve oportunidade de relacionar-se com as grandes figuras da vida internacional e compreender o jogo das mais importantes potencias da Europa. Curioso é notar que, no Congresso de Berlim, sob a direcção de Disraeli, Balfour iniciava a sua vida publica, outro tanto acontecendo com von Bülow, que o fazia sob a direcção de Bismarck.

Desde então, seguindo a trilha de seu tio Salisbury, começou a distinguir-se como um dos mais sobrios, claros, persuasivos e eloquentes membros da Camara dos Comuns. Espirito encyclopedico, de fundo universitario, dado ás especulações philosophicas, Balfour, a par da sua grande cultura humanista e theologica, tinha tambem essa outra importante cultura de experiencia, que lhe provinha do seu traquejo politico. Secretario da India, foi-o de uma maneira notavel, em epoca difficil, justamente quando a Inglaterra começava a impressionar-se com o expansionismo moscovita no Pamir e no Afghanistan, de modo a chamar a attenção do paiz para o seu nome. Nos primordios do seculo XX, Balfour foi varias vezes ministro de Estado, Primeiro Ministro, Lord do Sello Privado. Durante a Guerra, participou do Gabinete de Lloyd George, o «Gabinete da Victoria», ao lado de elementos pertencentes a todas as tendencias politicas. Com a famosa declaração de seu nome, Balfour pretendeu fundar o lar dos judeus, a Palestina. Foi o chefe da missão ingleza que esteve nos Estados Unidos negociando a questão das dividas de guerra. Cansado da vida publica, retirou-se para a sua propriedade da Escocia, onde findou os seus dias aos 81 annos de idade. Balfour, além de outros escriptos, é autor do famoso livro *As Bases da Crença*, cujo prestigio provinha mais do nome aristocratico do autor do que propriamente do recheio philosophico. Ruy Barbosa commentou-o, em ensaio por igual de pouca philosophia, em suas famosas *Cartas de Inglaterra*. Era uma das mais curiosas personalidades da vida nacional inglesa, que toda a gente cercava de respeito e admiração. Era, ademais, uma figura de aspecto physico, que despertava curiosidade: alto, magro, manciaras suaves, fineza de expressão, olhos tranquilllos, forte poder de elocução e admirador de muitos sports, especialmente caça á raposa, golf e tiro ao alvo.



## SHAW E O FILM FALADO

Bernard Shaw declarou, numa recente entrevista que, quando o film falado chegar á perfeição aniquilará o theatro, e acrescenta que estava decidido a vender, em tempo opportuno, os direitos de reproducção em film falado, de suas peças, mas será preciso que os productores estejam de posse de todos os meios necessarios para reproduzir convenientemente a voz humana e que as maiores das actuaes estrellas sejam afastadas dos studios. Shaw concluiu assim a sua entrevista: «Sei que se pôde esperar do film falado resultados perfeitamente satisfatorios. Eu mesmo fiz film falado, no qual não tinha nenhuma confiança antes de meus ensaios pessoais.»



## CLASSE 22 — NOVO SUCESSO LITERARIO

Depois do exito extraordinario de Remarque, *In Western, nicht neus*, o

livro de Ernest Glaeses — *Classe 22* — cuja traducção franceza chegou há pouco, ás nossas livrarias, é o successo espantoso, com as tiragens se exgotando successivamente. A Hollanda interditiu a publicação, o que, como era de esperar, augmentou a reclame.

Ernest Gloeser, joven de 27 annos, nascido na Rhenania, estudou num collegio local, cuja vida nos descreve, e apoz a guerra, proseguiu os seus estudos em Munich. Fez-se depois jornalista, na *Gazeta de Frankfort*. O seu livro *Classe 22* nos mostra a derrocada da antiga sociedade allemã, sob o choque da guerra. Está preparando um novo trabalho, em que exporá o resurgimento economico, financeiro e moral da burguezia allemã.

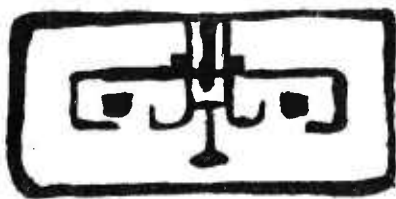
A proposito de suas idéas, um jornalista francez o entrevistou, na sua ultima estadia em Paris, e Gloeser assim falou:

“Uma grande desconfiança se apoderou do mundo. Os homens duvidam do idéal, daquillo que se lhes havia proposto e para o que tinham levantado os olhos. Justiça? Liberdade? Fidelidade? A guerra destruiu em cada um de nós tudo isso. Foi um negocio e não uma defesa de liberdades nacionaes. O tratado de Versalhes? Os allemães teriam procedido como os alliados; como elles

teriam procurado proteger e favorecer o commercio, a industria e a agricultura. Esse designio, revelado a cada um de nós, é a origem do scepticismo geral.”

E Gloeser precisa o seu pensamento: “A causa, a causa profunda é a derrocada espiritual. Para que trabalham agora os homens? Não é mais para edificar um mundo onde tudo seja ordem e clareza. Não! Trabalham por necessidade e não por dever. Onde está a consciencia? Por toda parte a desaggregação. Os que acreditaram que a guerra iria renovar a humanidade illudiram-se. A guerra destruiu a fé que nos fazia viver. Quaes as consequencias dessa ruina? Não deixarão de ser terriveis. Esperemos ainda. A proxima geração as conhecerá.”

Falando-se depois em literatura, Gloeser declarou-se pelo modernismo. Quer uma literatura forte, de acção, livre do diletantismo e do lirismo individual da literatura allemã. No seu livro, talvez pelo deassombro das opiniões e audacia das affirmativas, banhadas todas de um pessimismo sombrio, tão do sabor germanico, o seu estilo tem uma technica violenta e brutal, mas com um sentido exaltado de mocidade, que lhe marca o rythmo.



# Compagnie Générale Aériopostale

50, AVENIDA RIO BRANCO — Rio de Janeiro  
**Correio Aereo**  
**Linhas C. G. A. Aereas**

## Horario e taxas de RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

para Victoria, Caravellas, Bahia, Maceió, Recife, Natal e EUROPA.	} 10 horas AOS SABBADOS
para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE.	

## Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas **C. G. A.** paga :

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor  
 Em sellos especiaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de **Expresso** é facultativa

## Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>	RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>
Pelotas.....	\$500	Caravellas.....	\$500
Porto Alegre.....	\$500	Bahia.....	\$500
Florianopolis.....	\$500	Maceió.....	\$750
Santos.....	\$350	Recife.....	\$750
Victoria.....	\$350	Natal..	\$750
		F. Noronha.....	\$750
		<i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i>	<i>Impressos, Amostras e Encomendas-por 50 grms.</i>
EUROPA.....		2\$500	5\$000
Uruguay e Argentina.....		1\$000	2\$500
Paraguay e Chile.....		1\$500	3\$000